

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

ADEMILSON TADEU QUIRINO

**A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA:
ESCUTA E VIVÊNCIA DA COMUNIDADE**

SÃO PAULO

2016

ADEMILSON TADEU QUIRINO

**A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA:
ESCUTA E VIVÊNCIA DA COMUNIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Liturgia, Ciência e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de Especialista em Liturgia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Furlin

SÃO PAULO

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ademilson Tadeu Quirino

A proclamação da Palavra de Deus na liturgia:
escuta e vivência da comunidade

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Liturgia, Ciência e Cultura da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
para a obtenção do título de Especialista em
Liturgia.

Aprovado em: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à diocese centenária de Caratinga, que busca alimentar-se da Palavra e da Eucaristia para viver sua fé no Mistério Pascal de Cristo.

São João Batista, rogai por nós!

AGRADECIMENTO

A Deus, pelo dom da vida; a meus pais, que foram e continuam sendo meus mestres na fé e no conhecimento da vida; a Dom Emanuel Messias de Oliveira, bispo diocesano de Caratinga; ao presbitério da Igreja particular de Caratinga; aos paroquianos da Paróquia São João Batista, Catedral Diocesana; aos professores, pela sabedoria, incentivo e ensinamentos transmitidos a mim.

Não poderia deixar de agradecer o carinho e a dedicação do Prof. Dr. Marcelo Furlim na orientação deste trabalho. Agradeço a todos que comigo vêm sonhando uma liturgia sólida, por meio da escuta da proclamação da Palavra de Deus na liturgia e na vivência do Mistério Pascal de Cristo.

RESUMO

QUIRINO, Ademilson Tadeu. **A Proclamação da Palavra de Deus na liturgia: escuta e vivência da comunidade.** 2016. 61 f. Monografia – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

A presente pesquisa reflete sobre o contexto bíblico-teológico, histórico-litúrgico e pastoral, e faz uma análise dos avanços, desafios e perspectivas da proclamação da Palavra de Deus na liturgia como vivência e escuta da comunidade. Sem uma escuta atenta e devota da Palavra, dificilmente haverá conversão a Cristo, Senhor da vida e da história. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI, diz que “a Palavra de Deus torna-se perceptível à fé através do sinal de palavras e gestos humanos. A fé reconhece o Verbo de Deus, acolhendo os gestos e as palavras com que Ele mesmo se nos apresenta” (VD, 56). É na liturgia que o suave e vivo amor pela Sagrada Escritura se desenvolve (SC, 24). Urge, no entanto, preparar e formar os que servem ao altar (leitores, comentadores, salmistas e cantores), para que se tornem imbuídos do espírito litúrgico e preparados para exercer sua função com piedade sincera e ordenadamente, como convém ao nobre ministério (SC, 29).

Palavras-chave: Liturgia; Palavra de Deus; Escuta litúrgica; Vivência litúrgica.

SUMÁRIO

ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – DEUS FALA COM O SEU POVO	13
1.1. Deus é comunicação	14
1.2. A autocomunicação de Deus	14
1.3. Palavra, força criadora de Deus e do homem	15
1.4. Deus fala a seu povo reunido	17
1.5. Palavra, sacrifício e aliança	18
1.6. Palavra e sacrifício em Jesus Cristo	20
1.7. A eficácia da Palavra	21
1.7.1. <i>A eficácia da Palavra de Deus na liturgia</i>	22
1.7.2. <i>Eficácia sacramental da Palavra</i>	23
CAPÍTULO II – A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA – CONTEXTO HISTÓRICO	24
2.1. A proclamação da Palavra de Deus na liturgia dos primórdios do cristianismo	24
2.1.1. <i>Séculos I e II – relatos de Santo Inácio de Antioquia</i>	26
2.1.2. <i>Século II – “A apologia I”, de São Justino</i>	27
2.1.3. <i>Século III – “Tradição Apostólica”, de São Hipólito de Roma</i>	28
2.2. Do século V ao IX	30
2.2.1. <i>Novos elementos na Liturgia da Palavra</i>	31
2.2.2. <i>A Oração Comum, ou dos Fiéis, e o Credo</i>	33
2.3. Do século X ao Concílio de Trento	34
2.4. De Trento ao Vaticano II	35
CAPÍTULO III – A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA 37	
3.1. A Palavra de Deus na liturgia, lugar privilegiado	38
3.2. O “hoje” da comunicação da Palavra de Deus	40
3.3. Palavra e sinal sacramental	41
3.4. Estrutura da Liturgia da Palavra de Deus	43
CAPÍTULO IV – AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS	45
4.1. Os avanços na caminhada litúrgica da Igreja	45
4.2. Formação litúrgica, um desafio a ser superado	46
4.2.1. <i>Equipes de celebração na comunidade</i>	48
4.2.2. <i>Formação litúrgica das equipes de celebração</i>	49
4.2.3. <i>O leitor é o comunicador por excelência</i>	49

4.2.4. <i>Espiritualidade do ministro da Palavra</i>	51
4.2.5. <i>Dignidade do Livro de onde o texto bíblico é proclamado</i>	51
4.2.6. <i>Preparação da celebração</i>	52
4.3. Perspectivas para a formação litúrgica das equipes de celebração	52
4.3.1. <i>Religiosidade e piedade popular</i>	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

ABREVIATURAS

CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
<i>DV</i>	<i>Dei Verbum</i>
<i>LP</i>	<i>Liber Pontificalis</i>
<i>OLM</i>	<i>Ordo Lectionum Missae</i>
<i>PO</i>	<i>Presbyterorum Ordinis</i>
<i>SC</i>	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
<i>VD</i>	<i>Verbum Domini</i>

INTRODUÇÃO

A partir da antropologia, insistiu-se na importância da palavra no homem como instrumento de interação entre os sujeitos, chegando-se a defini-lo como ser da palavra. Desse modo, a comunicação passa a ser uma das capacidades essenciais do homem, que o caracteriza e configura.¹ Pela palavra, o homem procura redimir o murmúrio original do dizer. Pretende, sobretudo o poeta, que a linguagem volte a converter-se no ressoar do nome, eco da Palavra primigênia no horizonte do silêncio, ventre fecundo do advento, espaço do último dia.²

Na linguagem bíblica, o que aqui se menciona não parece ser novidade alguma. Desde a primeira página do Gênesis encontra-se a palavra como uma realidade primeira.

Deus dá origem a toda a criação pela força de sua palavra. Ela é indistinguível por sua força e onipotência. Na Palavra de Deus, vê-se o paradigma de toda palavra: chega a ser uma palavra eficaz. Não há diferença entre o dizer e o fazer; é a *dabar*³ de Deus, faz o que diz. A Palavra de Deus proclamada na liturgia é a realidade mais viva e a expressão mais eloquente da vida da Igreja. Pela Palavra a Igreja torna sua identidade reconhecida. Faz experiência de ser e existir. Cada época lhe confere sua marca. Cada época a relê, a revive.

Em vista disso, julga dever se ocupar especialmente da “liturgia”, como ponto de partida no que se refere à Palavra de Deus, devido a sua extrema importância na celebração litúrgica, como afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 24: “É muito grande a importância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica. Dela se extraem os textos para a leitura e explicação na homilia e os salmos para cantar; do seu espírito e da sua inspiração nasceram orações, preces e hinos litúrgicos; dela tiram o seu significado, os sinais e ações”.⁴

Tornar a Palavra proclamada na liturgia mais atuante, criativa e participativa é o grande desafio lançado pelo Concílio Vaticano II. Portanto, para “promover a reforma, o

¹ Pablo ARGÁRATE, *A Igreja celebra Jesus Cristo*, p. 91-92.

² Bruno FORTE, *À escuta do outro*, p. 49.

³ A palavra hebraica *dabar* significa, segundo os contextos, “palavra” ou “acontecimento”.

⁴ SC, n. 24.

progresso e a adaptação da sagrada liturgia, é necessário desenvolver aquele suave e vivo amor pela Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos, quer orientais, quer Ocidentais”.⁵

O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Jesus Cristo, palavra e sinal do amor com que Deus intervém e age para salvar seu povo. Onde se proclama a sua soberania aí está o Senhor presente e, realizando o Mistério da Salvação, santifica os homens e presta ao Pai o culto perfeito.⁶

Na proclamação da Palavra, Cristo continua falando a seu povo, como profeta e sacerdote. Os fiéis, escutando a Palavra de Deus, reconhecem que as maravilhas ali anunciadas atingem a plenitude no Mistério Pascal.⁷

A exemplo das primeiras comunidades cristãs, os irmãos reunidos para a escuta da Palavra na celebração fazem a experiência da presença viva do Ressuscitado (Jo 20,19-26; 21,4ss; Lc 24,30-32). Todos ouvem a Palavra de Deus, que é traduzida e explicada para que a compreendam (At 2,41-42; 8,30-39; Lc 24,27). O centro vital da comunidade é a compreensão da Palavra, que leva a comunidade a praticar a justiça, da qual surge a vida para todos.

A interdependência entre Palavra de Deus e liturgia é essencial à vivência cristã e à ação memorial do Mistério Pascal. Se, por um lado, a Sagrada Escritura desempenha uma função específica na liturgia, esta, por sua vez, desempenha um papel de fundamental importância na atualização do fato anunciado pela Palavra de Deus. A proclamação que a Igreja faz na ação litúrgica confere à Palavra inspirada atualidade e eficácia. Ela constitui uma intervenção atualizada de Deus em favor da salvação das pessoas reunidas em assembleia.

A Palavra proclamada na ação litúrgica torna-se mais eficaz à medida que Cristo se faz presente no ato de sua proclamação; quanto mais o conteúdo da comunicação da mensagem implicar sua ação salvífica, melhor o leitor, consciente de sua função ministerial, evocará a ação salvífica de Deus.

A partir deste delineamento, o presente estudo – fundamentado em literatura especializada – tem por objetivo: aprofundar o sentido da Palavra de Deus proclamada na liturgia no contexto da escuta e vivência da comunidade, bem como enfatizar o sentido bíblico-teológico, histórico e litúrgico, espiritual e técnico que envolve toda a dinâmica

⁵ SC, n. 24.

⁶ CNBB, doc. 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, n. 11.

⁷ *Ibid.*, n. 12.

da proclamação em torno da Palavra escutada. Tais objetivos, pela sua real importância, justificam de maneira plena a escolha do tema.

CAPÍTULO I DEUS FALA COM O SEU POVO

A comunicação é um processo de interação social básico que torna possível a vida em sociedade.¹ Para Martin Buber, o mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso. A palavra como princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação. Segundo ele, o mundo da relação se realiza em três esferas:

A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o Tu que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o Tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la.²

Percebe-se que a relação é um processo de autêntica alteridade com o Eu-Tu e será uma comunicação de interação estabelecida com o outro que sempre será um mistério.

Na história da humanidade, a “Palavra”³ é sinal de interação de Deus com os homens e dos homens com Deus. Um Deus que se comunica por palavra, sendo a Palavra. Um amor que se revela no Filho, Verbo encarnado (Jo 1,14). A encarnação revela o amor do Pai no Filho. Esse amor só é percebido na acolhida da Palavra, como escuta do Silêncio divino nela escondido. É êxtase, saída de si mesmo para a profundidade de Deus, atraindo a fonte mais pura da luz, o Pai do Verbo eterno.⁴

E esse amor que sai do silêncio de Deus comunicado pela Palavra conduz fielmente o seu povo ao evento da revelação. Toda comunicação de Deus repousa no acontecimento da autocomunicação em Jesus Cristo, o comunicador do Pai.⁵

¹ Helena CORAZZA, *Comunicação e liturgia na comunidade e na mídia*, p. 19.

² Martin BUBER, *Eu e tu*, p. 53.

³ Palavra em (P) maiúsculo será sempre quando se referir à fala de Deus e palavra em (p) minúsculo, quando se referir à fala humana.

⁴ Bruno FORTE, *À escuta do outro*, p. 52.

⁵ CELAM. *A celebração do Mistério Pascal*, vol. II, p. 359.

A liturgia é caminho, lugar da comunicação de Deus com o homem e da resposta deste, por meio da fé. É o lugar da escuta e da acolhida silenciosa. Sua função é ser epifania da Igreja. Ela não só anuncia, mas realiza eficazmente a salvação por sinais sensíveis compreendidos pelo homem e vivenciados na fé.⁶

1.1. Deus é comunicação

O Deus da revelação judaico-cristã não é somente um Deus comunitário e comunicado para o interior de si mesmo. É um Deus que sai de si e projeta-se para além de si mesmo em gestos sucessivos de comunicação.

A criação é o primeiro gesto exteriorizado da comunicação de Deus. Ela esconde em si os germes de toda comunicação posterior. O Deus da revelação é um Deus criador, que mantém uma relação permanente com as criaturas. Ele é uma constante comunicação com o outro, o homem.⁷ A revelação é, antes de tudo, uma revelação para a comunicação.

Quem observa a criação e a contempla com os olhos transparentes consegue descobrir a mensagem que Deus comunica por meio dela. Consegue captar a carga de comunicação divina que a criação leva consigo. “E Deus viu que era bom” (Gn 1,12b), diz a Sagrada Escritura.

A ação de Deus se manifesta por meio da Palavra. E a própria criação converte-se em palavra para o homem, uma palavra acessível que lhe permite o acesso a certo conhecimento de Deus. O primeiro ponto que chama a atenção é a solenidade com que Deus anuncia a criação do homem: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (Gn 1,26). O homem é um ser dotado de inteligência e vontade. É íntimo de Deus, seu interlocutor. É ele que dá nome às coisas criadas por Deus. A faculdade da fala é, sem dúvida, o traço mais característico da comunicação verbal do homem. O homem dialoga consigo, com o outro e com Deus.

1.2. A autocomunicação de Deus

O termo “autocomunicação” significa que Deus se torna ele mesmo em sua realidade mais própria, como um constitutivo interno do homem. É Deus em seu próprio ser. É comunicação que tem em mira conhecer e possuir Deus no amor.⁸

⁶ Ibid., p. 359.

⁷ Felicísimo Martínez Díez, *Teologia da comunicação*, p. 148-149.

⁸ Karl RAHNER, *Curso fundamental da fé*, p. 145-148.

O que Deus partilha com a humanidade, desde a criação, é o seu próprio mistério. É nesse sentido que a comunicação de Deus é autocomunicação. Ele fala mais de si mesmo, dá-se a conhecer como Aquele que tem um plano de salvação para a criação. Revela-se mais plenamente na Palavra que se fez Carne (Jo 1,14), o Verbo. Sobre essa Palavra se baseia tudo que Deus quer comunicar ao mundo e aos homens. O Verbo se encarnou em Jesus Cristo, Palavra de Deus por excelência, na história.⁹ A encarnação é a manifestação definitiva de Deus entre nós. Por meio dela, Jesus se torna homem em meio aos seres humanos e pode comunicar-se com a humanidade de forma acessível,¹⁰ porque ele é o supremo comunicador do Pai.¹¹

Pela revelação divina, Deus quis comunicar a si mesmo. Revelou em Jesus a vontade de salvar os homens, tornando-os participantes do céu.¹² Cristo instaurou na terra o Reino de Deus, por fatos e palavras deu a conhecer seu Pai e a Si próprio, completando sua obra pela morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo.¹³ Ele é o único que tem palavras de vida eterna (Jo 6,68).

Como consequência dessa autocomunicação divina do Pai em Cristo, o projeto de salvação inaugurado por ele jamais passará. Ninguém pode ir além dele. Portanto, a autocomunicação de Deus apresenta-se não somente como dom, mas como condição necessária de acolhida desse dom que é o próprio Deus em seu acolhimento.

1.3. Palavra, força criadora de Deus e do homem

A palavra, como uma realidade extremamente rica, se manifesta de muitos modos. Antes de tudo, ela revela-se como uma das realidades fundamentais do homem. Nos últimos séculos, a filosofia e as ciências humanas insistiram na preponderância da questão da linguagem. Isso quer dizer que, se esquivando da temática da linguagem, não se pode propor nenhuma aproximação com a realidade. Os filósofos, partindo de Heidegger, ressaltaram o íntimo vínculo existente entre o ser e a linguagem. Heidegger chega a afirmar que a linguagem é a casa do ser. A filosofia analítica da linguagem vislumbrou em todo problema filosófico uma questão de linguagem.

A partir da antropologia, insistiu-se na importância da palavra no homem, chegando-se a defini-lo como ser da palavra. Desse modo, a comunicação passa a ser uma

⁹ Pe. Alberto ANTONIAZZI, *A Palavra de Deus na vida do povo*, p. 18-19.

¹⁰ Pe. Celso Murilo de Souza REIS, *Programa de Formação Fundamental*, p. 21.

¹¹ Noemi DARIVA (org.), *Comunicação Social na Igreja*, p. 553.

¹² DV, n. 6.

¹³ Ibid., n. 17.

das capacidades essenciais do homem, que o caracteriza e configura.¹⁴ Na linguagem bíblica, o que aqui se menciona não parece ser novidade alguma. Desde a primeira página do Gênesis encontra-se a palavra como uma realidade primeira.

Deus cria, dispõe todo o existente, mediante a força de sua Palavra. Aparece a Palavra de Deus, uma Palavra que é indistinguível do próprio Deus, força e onipotência. Na Palavra de Deus, vê-se o paradigma de toda palavra: chegar a ser uma palavra eficaz. Não há diferença entre o dizer e o fazer; é a *dabar*¹⁵ de Deus, faz o que diz. Por outro lado, dizia-se que não há diferença entre Deus e sua Palavra.

Toda palavra deve ser manifestação daquilo que uma pessoa é. A palavra é autoadoção. Dirigir a palavra já é sair fora de si, um entregar-se ao outro, um crer no outro. A força da Palavra de Deus é tal que chega a criar o outro, o ouvinte. Desse modo, toda palavra é criadora. Até a palavra humana cria naquele que ouve um interlocutor, um dialogante, uma realidade nova.¹⁶

O homem aparece como ser capaz de nomear, de dizer as coisas. Sabe-se a importância que tem, nas culturas antigas e, de modo especial, na hebraica, o nomear. Dar nome a algo é possuir de algum modo seu ser mais profundo, seu mistério. O homem do Éden é nomeador de tudo, como senhor do mundo. Nomear é também autoafirmar-se, diferenciar-se do mundo.

Ao mesmo tempo, o homem manifesta-se como o grande ouvinte da Palavra. “Ele é, antes de tudo, o interlocutor de Deus, aquele diante de quem Deus se mostra tal como é.”¹⁷ O sentido de sua existência é, exatamente, o de auscultar Deus, ser faminto de sua Palavra. O homem deve deixar que a Palavra do Senhor penetre em seu coração, sedimente e dê frutos.

Entretanto, “o homem não é somente escuta de Deus, mas é colocado como o dialogante de seu irmão. É quem deve escutá-lo e dirigir-lhe a palavra. Mediante a palavra, faz-se responsável pelo outro”.¹⁸

Tragicamente, o homem faz-se surdo à palavra criadora de Javé. Sua palavra torna-se insuportável para ele, que procura esconder-se para não ouvir Sua voz. Porém, se a palavra original, vital, fica desvirtuada, ao mesmo tempo, a palavra dirigida a seu irmão subverte-se. A palavra é mudada para acusação, desde Adão e Eva, ou até para

¹⁴ Pablo ARGÁRATE, op. cit., p. 91-92.

¹⁵ A palavra *Dabar* é uma palavra hebraica que significa, segundo o contexto, palavra ou acontecimento.

¹⁶ Pablo ARGÁRATE, op. cit., p. 92.

¹⁷ Pablo ARGÁRATE, op. cit., p. 92.

¹⁸ *Ibid.*, p. 93.

violência destrutiva, como em Caim. Subverte-se porque seu destino original é dispor, afirmar o outro. Agora é instrumento de negação de sua realidade e dignidade.

O homem, feito pela Palavra, fica ferido no mais profundo de seu ser. Será preciso aguardar a Palavra que, inclusive, crie nele a capacidade de escuta. Essa Palavra é Deus mesmo, é a Segunda Pessoa da Trindade, é o Pai plenamente dito. Por isso, São João da Cruz respondia àqueles que queriam milagres e frases que o Pai, depois de dizer seu Filho, seu Verbo, ficou totalmente em silêncio, sem nada dizer. Escutar o silêncio é acolher verdadeiramente a Palavra, que é mediação no tempo e na eternidade.¹⁹

Com efeito, Cristo é “a” palavra. Não há palavra na história e no mundo que não se refira ao mistério de Cristo. Muito mais: toda palavra da Escritura proclama Cristo. Assim compreenderam os discípulos de Emaús. O Senhor caminhava com eles, explicando-lhes todas as Escrituras, como elas anunciavam que o Messias ia sofrer e ressuscitar. Toda palavra é palavra de Cristo. Assim também entenderam os Padres da Igreja, que veem no Primeiro Testamento uma grande profecia do Senhor.

Percebe-se que o diálogo é o referencial primeiro para definir a comunicação do Verbo e interpretar a história sagrada sob chave teológica, como se vê na caminhada do povo de Deus do Primeiro e Segundo Testamento.

1.4. Deus fala a seu povo reunido

Em toda a tradição judaico-cristã, Deus fala a seu povo reunido na fé, ajudando-o a discernir a sua presença salvífica nos acontecimentos da própria vida, na história da comunidade, nos acontecimentos sociais e históricos do povo, da sociedade, do mundo, com a ajuda do Espírito Santo e tendo como referência a Sagrada Escritura.²⁰

Na Bíblia encontra-se a experiência da caminhada do povo judeu e das primeiras comunidades cristãs. Estas são muito parecidas com as de hoje, embora em outras circunstâncias históricas e culturais.

Assim, Bíblia e vida vão se explicando e completando mutuamente. Deus vai revelando seu rosto, esclarecendo seu projeto, realizando a comunhão de vida com ele. Esse é o método que se aprendeu com o povo judeu e que foi usado pelas primeiras comunidades cristãs para aprofundar a fé. É esse o método que a liturgia propõe ainda hoje.

¹⁹ Ibid., p. 51.

²⁰ Ione BUYST, *A Palavra de Deus na liturgia*, vol. 1, p. 13-14.

Entretanto, não vale a chamada leitura fundamentalista, a qual não leva em conta o contexto histórico em que a Bíblia foi escrita e a realidade em que é lida hoje, contanto tão somente com a ajuda do Espírito Santo.

Os evangelhos relatam como Jesus, em suas andanças missionárias, ensinava e realizava curas, como sinais da chegada do Reino de Deus. Falava às multidões e falava também, em separado, a seus discípulos e discipulas.

Depois da morte de Jesus, seus discípulos e discipulas continuaram a sua missão a pedido dele próprio, falando e agindo em seu nome, animados pelo Espírito Santo. Falavam de Jesus e do Reino que ele veio inaugurar a todos os que foram ouvi-lo: nas sinagogas dos judeus, no templo, nas praças, nas praias, na beira-rio, nas prisões, nos interrogatórios... Quando reunidos entre si, em comunidade, lembravam as palavras e os gestos de Jesus, sua morte e ressurreição, a vinda do Espírito Santo, davam graças a Deus, oravam e se alegravam. A cada reunião tentavam compreender tudo aquilo que havia acontecido com Jesus e os sinais que estavam acontecendo no dia a dia de sua missão.

Logo, em toda celebração, a leitura bíblica tem papel significativo: é anúncio de Cristo presente, do acontecimento atual. A Igreja não “lê” nem “relê”, não repete materialmente as palavras do Livro, mas celebra uma palavra da qual vive, porque, unida ao rito, esta se encarna e continua a cumprir-se em seu interior.²¹

1.5. Palavra, sacrifício e aliança

No Primeiro Testamento há uma íntima relação entre Palavra de Deus e rito sacrificial. Será suficiente lembrar as três grandes assembleias que caracterizam três momentos decisivos da história do povo de Deus: a conclusão da aliança aos pés do Monte Sinai (Ex 24,3-8); a renovação da aliança celebrada por Josias (2Rs 23,1-23); e a retomada da vida nacional e religiosa depois do exílio da Babilônia (Ne 8-9).

Na primeira assembleia do povo de Deus aos pés do Monte Sinai, o sacrifício de comunhão comporta a leitura do livro da aliança. Somente depois que o povo prometeu obediência à Palavra, Moisés toma o sangue do animal sacrificado e asperge o povo dizendo: “Eis o sangue da aliança que o Senhor concluiu convosco na base de todas estas palavras!” (Ex 24,8). Sem a proclamação da Palavra, a aliança ratificada com sangue não teria pleno sentido.²²

²¹ CELAM, op. cit., p. 161.

²² “O rito da aliança mostra o acordo entre os contraentes: Deus, representado pelo altar, e o povo se comunicam através do mesmo sangue, que é o símbolo da vida. O Novo Testamento apresentará a Nova

A segunda assembleia acontece no tempo do rei Josias. A reforma religiosa começa com a descoberta do livro da Torá (lei), a purificação do templo (sendo afastados dele todos os objetos de culto idolátrico) e a destituição dos sacerdotes adeptos a esse culto. O momento culminante da reforma é a leitura solene da Torá, na presença do povo reunido em assembleia, e a conseqüente celebração do sacrifício pascal. O rei Josias mandou todo o povo celebrar a Páscoa do Senhor, dizendo: “Celebrai a Páscoa para o Senhor vosso Deus, com o rito descrito no livro desta aliança” (2Rs 23,21). Percebe-se aqui uma profunda relação entre palavra e sacrifício.

A terceira grande assembleia na história de Israel é celebrada pelos primeiros judeus que voltaram a Jerusalém depois do exílio da Babilônia. Todo o povo reunido na praça escuta a leitura do livro da Torá. É uma leitura contínua, que se prolonga pelo dia inteiro, lendo a perícopes e traduzindo as palavras hebraicas para o povo que somente conhecia o aramaico. Seguem-se depois a explicação e o comentário sob a responsabilidade de Esdras e dos levitas.

A resposta, porém, à Palavra de Deus proclamada se manifesta no sacrifício interior de expiação e de louvor, que se concretiza no jejum, na confissão dos próprios pecados e na longa oração de bênção (Ne 8–9). Por outro lado, o povo se compromete a restabelecer o culto do templo, depois de reconstruído: “Nós nos comprometemos, assim, a não negligenciar a casa do nosso Deus” (Ne 10,40).

Exatamente ao redor do culto da Torá constitui-se o judaísmo após a volta do exílio. As celebrações da sinagoga não substituíam o culto do templo; ao contrário, integravam-no, de forma que, com o passar do tempo, as orações da sinagoga foram consideradas por muitos como o equivalente espiritual dos sacrifícios do templo.

A assembleia sabática sinagoga se abre com um conjunto de orações e com a proclamação do *shemá*, que resume a Torá: “Escuta, Israel” (Dt 6,4-9). Termina com a leitura da Torá e, sucessivamente, de um texto dos profetas, com o comentário de um dos presentes. Cantam-se, então, Salmos e, a cada versículo proclamado pelo leitor, o povo responde “Aleluia”.²³ Segue-se uma longa oração de bênção e de intercessão, com 18 intenções, encerrando-se com a bênção segundo a fórmula de Aarão (Nm 6,24-25).

Aliança selada com o sangue de Jesus (Mt 26,28).” Notas de rodapé da Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, p. 97.

²³ “Aleluia” – em hebraico *Hallelu-Yah* – é o mesmo que “louvai a Deus” (*Yah*).

1.6. Palavra e sacrifício em Jesus Cristo

A proclamação sacrificial da palavra atinge a sua plena realização na pessoa de Cristo: “É preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai e faço aquilo que o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos” (Jo 14,31). Com esse estado de alma, Jesus se encaminha para o Getsêmani, para a sua “hora”. No sacrifício da cruz, ele proclamará diante do mundo o amor ao Pai.²⁴ Cristo, palavra encarnada, é, na sua vida, resposta viva à Palavra de Deus, até o supremo sacrifício da sua existência terrena (Jo 8,28-29).

A íntima relação entre palavra e sacrifício é clara especialmente na última ceia. Enquanto Jesus explica o seu sacrifício como obediência à Palavra do Pai, prepara os seus discípulos para o banquete eucarístico com ensinamentos que exigem atitudes sacrificais: eles, segundo o exemplo do seu Mestre, são chamados a servir (Jo 13,12-17) e observar os seus mandamentos com amor e fidelidade, para poder permanecer na intimidade do próprio Cristo e do Pai (Jo 14,15-24). Devem estar dispostos a suportar o ódio e a perseguição do mundo por causa do seu nome (Jo 15,18-25) e aceitar a tristeza da separação, para poder depois desfrutar da sua presença gloriosa (Jo 16,16-23). Eles receberam a Palavra e nela devem ser consagrados (Jo 17,14-19), como sinal sacramental de Cristo.²⁵

O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Jesus Cristo, palavra e sinal comunicador do amor com que Deus intervém e age para salvar seu povo. Presença divina ativa entre nós, ele é uma presença comunicacional contínua na Igreja por meio da Eucaristia e dos demais sacramentos, da assembleia, do ministro da Palavra proclamada e da oração comunitária. Onde se proclama a sua soberania, aí está o Senhor presente, que, realizando o Mistério da Salvação, nos santifica e presta ao Pai o culto perfeito.²⁶

Na proclamação da Palavra, Cristo continua falando a seu povo, como profeta e sacerdote. Os fiéis, escutando a Palavra de Deus, reconhecem que as maravilhas ali anunciadas atingem a plenitude no Mistério Pascal.²⁷

²⁴ Matias AUGÉ, *Liturgia*, p. 137.

²⁵ CELAM, op. cit., p. 162.

²⁶ CNBB, doc. 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, n. 11.

²⁷ *Ibid.*, n. 12.

1.7. A eficácia da Palavra

O homem moderno, quase sempre, faz uma avaliação negativa da “palavra”, em contraposição com os “fatos”. Isso dificulta a compreensão da função e da importância que a palavra tem na Bíblia. É conveniente, portanto, recuperar uma concepção vital e dinâmica da Palavra, que é aquela própria da Escritura. Na língua hebraica do Primeiro Testamento, o termo técnico por excelência com o qual se designa a palavra, *dabar*, é muito diferente do *logos* grego.²⁸ Enquanto o *logos* é, antes de tudo, a palavra como indicação, isto é, portadora e mediadora de um significado (elemento noético da palavra), o *dabar* deve ser considerada, em todo o antigo Oriente, como um poder atuante em palavras mágicas e imprecatórias, em bênçãos e maldições, entendida como uma palavra que salva ou arruína, que penetra naquele que é atingido como uma substância substitutiva, que opera partindo de dentro.

Em Israel, a palavra, purificada de qualquer conotação mágica ou emanadora, é considerada como Palavra de Deus que plasma a história, com o seu conforto, suas exigências e suas promessas.²⁹

A expressão *dabar YHVH*³⁰ (“Palavra do Senhor”) significa tanto o agir como o comando de Deus. A Palavra de Deus é como um mensageiro que executa pontualmente a sua missão: “Assim como a chuva e a neve que caem do céu para fecundar a terra e germinar as sementes e para lá não voltam sem ter cumprido sua missão, assim acontece com a palavra que sai de minha boca: não voltará a mim sem resultado, sem ter executado aquilo que desejo e sem ter cumprido a missão para a qual a enviei” (Is 55,10-11). *Dabar* poderia ser traduzida em muitos casos como “acontecimento”: “Porque ele fala e tudo é executado, ele manda e tudo existe” (Sl 33,9). A Palavra de Deus está na origem da criação, da vida humana (Gn 1,26) e da conservação da vida (Dt 8,3; Sb 16,26). O Segundo Testamento herda do primeiro uma concepção semelhante da Palavra de Deus que é “viva e eficaz” (Hb 4,12) e opera, sobretudo, nos crentes (1Ts 2,13). Pode-se dizer que a concepção ativa e concreta da palavra como acontecimento é própria do espírito semítico, e que a concepção grega e helenística de um *logos* puramente representativo

²⁸ *Logos* é o mesmo que “palavra”, “afirmação”, “promessa”, “pacto” (Carlos RUSCONI, *Dicionário grego do Novo Testamento*, p. 288).

²⁹ Matias AUGÉ, op. cit., p. 140.

³⁰ Carta da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com orientações sobre a “tradução e pronúncia, no âmbito litúrgico, do divino Nome significado no tetragrama sagrado – YHWH”. Disponível em:
<http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=Orienta%E7%F5es_sobre_o_uso_do_%93Nome_de_Deus%94>. Acesso em: 23/05/2015 às 20h38min.

constitui um progresso de análise filosófica, que corre o risco, porém, de perder a força inerente ao hebraico *dabar*. Observe-se, em todo caso, que os tradutores da Bíblia para o grego já tinham traduzido o hebraico *dabar*, na maioria das vezes, pelo termo grego *logos*.

A eficácia da palavra em si não deve levar ao esquecimento das condições para que tal eficácia se realize para a pessoa concreta e para a assembleia. A palavra não opera automaticamente aquilo que propõe. Ela exige uma escuta atenta que supere a mentalidade factual e intelectualista, destinada a favorecer o saber gnosiológico. É necessário que a escuta seja feita no nível de fé e com as devidas disposições pessoais.³¹

A revelação de Deus, antes de ser “palavra” perceptível, é uma realidade que interpela todo ser humano que se põe na escuta, envolve-o e penetra-o.

1.7.1. A eficácia da Palavra de Deus na liturgia

A proclamação da Palavra de Deus na liturgia evoca a história sagrada com grande realismo, de tal modo que o mistério do qual se fez memória é reproposto para que a assembleia o acolha e o viva na fé.

A participação na Liturgia da Palavra torna-se, dessa forma, uma aberta e solene profissão de fé da proclamação da Palavra à ação de graças (Eucaristia), que propriamente quer dizer “reconhecimento”, “gradidão”, “dom de ação de graças”. Nas relações com Deus, o agradecimento assume normalmente a forma de uma oração (Sb 16,28; 1Ts 5,17; 2Cor 1,11; Cl 3,17). Tem relação, então, naturalmente, com a bênção que celebra as maravilhas de Deus, porque essas maravilhas se manifestam para o homem na forma de benefícios que dão ao louvor o colorido do reconhecimento. Deus é bendito porque se manifestam coisas e fatos que o fiel percebe como vindos dele, e por isso lhe presta louvores como fonte de todo o bem. A assembleia toma conhecimento das obras admiráveis feitas por Deus por meio da proclamação da palavra. Por isso, a ação de graças se exprime já no próprio âmbito da Liturgia da Palavra; no fim de cada leitura esse sentimento é manifestado de várias formas: “Demos Graças a Deus”,³² ou também: “Glória a vós, Senhor”.³³ O “Aleluia”³⁴ que precede a proclamação do evangelho também é elemento que deve ser interpretado nesse contexto.

³¹ Matias AUGÉ, op. cit., p. 141.

³² Mauro ODORÍSSIO, *Missa*, p. 47.

³³ *Ibid.*, p. 47.

³⁴ *Ibid.*, p. 48.

A reforma conciliar do Vaticano II quis devolver à comunidade cristã a vivência da revelação bíblica e o florescimento das leituras que se constatam nos primeiros séculos da liturgia da Igreja. Mas o Concílio quis mostrar não apenas a riqueza, mas também a unidade de toda a Bíblia, bem como esse dinamismo progressivo que vai apontar nitidamente a manifestação de Cristo, ou seja, o sentido cristocêntrico tão importante para os Padres da Igreja nos primeiros séculos.

1.7.2. Eficácia sacramental da Palavra

A celebração da Palavra de Deus atinge o máximo de sua atualidade e sacramentalidade na liturgia da Igreja, como sinal eficaz de salvação na vida das comunidades cristãs. O Concílio Vaticano II ensina que é “o Cristo mesmo quem fala quando se leem as Escrituras na Igreja”.³⁵ Na liturgia, Deus fala a seu povo, Cristo anuncia o Evangelho. O povo dialoga com Deus através de cânticos e orações.³⁶

É na Igreja que as Escrituras são mais profundamente compreendidas. O Deus que outrora falou pelos profetas mantém um diálogo com a esposa de seu dileto Filho, que, com o Espírito Santo, faz ressoar na Igreja a voz viva do Evangelho de Cristo. A Palavra de Deus não se fecha na escrita, mas continua sendo anunciada e ouvida na história da Igreja, que se empenha em anunciá-la ao mundo como instrumento de salvação.

A Palavra de Deus transforma a vida dos que dela se aproximam com fé. A Palavra nunca se esgota; é nova cada dia. Mas, para que isso aconteça, é necessária uma fé que escute. A escuta cria uma pertença, um laço; introduz na aliança. O Pai apresenta o Filho como sinal da verdadeira aliança comunicada aos homens: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai o que ele diz” (Mt 17,5). A palavra provoca na pessoa que a escuta com fé uma eficácia sacramental. Quem escuta a Palavra que é Cristo e a põe em prática é feliz.

³⁵ SC, n. 7.

³⁶ Ibid., n. 33.

CAPÍTULO II

A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA – CONTEXTO HISTÓRICO

Toda a realidade interativa de um Deus que fala a seu povo, contemplada no primeiro capítulo, não pode ser compreendida se não for situada em seu contexto adequado. Deus foi se revelando na história de um povo, e tal revelação alcança seu apogeu no judeu Jesus.

Um belo exemplo de proclamação da palavra (origem do judaísmo) se encontra em Neemias (Ne 8,1-18): “Estando o povo reunido, Esdras sobe à estante e lê o livro; os ministros interpretam, explicam e atualizam; o povo aclama, ora, chora, louva e tudo termina numa grande festa”.¹

A comunidade nasce quando todos ouvem a Palavra de Deus, que precisa ser traduzida e explicada para que todos a compreendam. O centro vital da comunidade é a compreensão da palavra, que leva a comunidade a praticar a justiça da qual surge a vida para todos.

A lei do Senhor, ao contrário, se comunica com uma clareza que leva a reconhecer, nela, uma palavra, a palavra que Deus dirige a seu povo (Sl 19). A palavra é a própria expressão do projeto divino (Is 5,19-24). É expressão de um poder que sempre produz o seu efeito, de uma vontade que não se poderia violar. O conteúdo que ela anuncia se realizará, infalivelmente, na ação e no gesto comunicacional de Deus.

A palavra ressoa na consciência do homem e em seu coração. Ela é uma das fórmulas mais aptas para exprimir aquilo que foi a atividade de Jesus Cristo. Daí vem o apreço da Palavra de Deus herdado dos judeus, desde as grandes assembleias do Primeiro Testamento.²

2.1. A proclamação da Palavra de Deus na liturgia dos primórdios do cristianismo

A Igreja apostólica, no início, segue ainda a liturgia judaica, no templo e na sinagoga, embora esta última não seja explicitamente citada.³ Bem depressa o

¹ Yone BUYST, op. cit., p. 14.

² Dionisio BOROBIO, *A celebração na Igreja: sacramentos*, vol. 2, p. 323.

³ Salvatore MARSILI, *Panorama histórico geral da liturgia*, p. 27.

ensinamento dos apóstolos, baseado na leitura do Primeiro Testamento, passará primeiro como tradição oral e depois dará origem às pequenas coleções escritas, provavelmente ordenadas por temas, que levarão à redação definitiva dos evangelhos. Como consequência, estes serão logo promovidos, junto com as cartas dos apóstolos, ao posto de segunda leitura na celebração cristã.⁴ O ensinamento dos apóstolos descrito em Atos (At 4,2.18; 5,21.25.28.42; 11,26; 15,35 etc.) quer significar que as novas comunidades continuavam o uso sinagoga de comunicar a novidade do cristianismo de acordo com a “compreensão da escritura”, que descobria Cristo⁵ “em tudo aquilo que está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24,44-45). Percebe-se, porém, que, desde os primeiros testemunhos da tradição apostólica, a comunidade cristã já havia realizado sua celebração com as duas partes integradas: a “Palavra e o Sacramento”.⁶

O episódio de Emaús, relatado somente por Lucas (Lc 24,13-35), destaca a união entre Palavra e Eucaristia: “Quando sentou à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu e o deu a eles. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram” (Lc 24,30-31). O reconhecimento da presença de Cristo se fundamenta num outro elemento, que serviu como introdução e preparação, quando Jesus estava no caminho com os seus companheiros: “Começando por Moisés e depois pelos profetas, Jesus explicou a eles todas as passagens da Escritura que falavam a seu respeito” (Lc 24,27).

A compreensão de sua íntima relação tornou-se agora mais clara. Estão “unidas tão estreitamente entre si que constituem um só ato de culto”.⁷ De fato, na missa se prepara tanto a Mesa da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo, para ensinar e alimentar os fiéis.⁸ Trata-se de um encontro único e progressivo com o mesmo Cristo ressuscitado, que se dá aos seus como a palavra viva de Deus e que os torna participantes de sua entrega sacrificial na cruz, em forma de alimento eucarístico. Portanto, “há uma só presença de Cristo, presença na Palavra de Deus e presença, sobretudo, nas espécies eucarísticas”.⁹

A Liturgia da Palavra proclama a história da salvação, cria o ambiente de fé para a Eucaristia. A assembleia acolhe primeiro a Cristo como Palavra, comunga com ele, para celebrar depois o memorial sacramental de sua morte salvadora. A Palavra já inicia o clima de comunhão sacrificial com a adesão a Deus, que fala, hoje e aqui, por meio de

⁴ Ibid., p. 28.

⁵ Ibid., p. 27.

⁶ Dionísio BOROBIO, op. cit., p. 325.

⁷ SC, n. 56.

⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*, p. 41.

⁹ Ibid., p. 213.

Cristo. Enquanto a Eucaristia, por sua vez, continuará sendo proclamação, memória e acolhida de fé, e se converterá também em palavra eficaz de Cristo e de sua Igreja no gesto sacramental.¹⁰

No Livro dos Atos, há textos que podem ser interpretados de forma semelhante: “Eram assíduos em ouvir os ensinamentos dos apóstolos, na união fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). O ensinamento dos apóstolos (At 20,7) indica a instrução ou o aperfeiçoamento que se segue à adesão da fé inicial selada pelo Batismo. Se não para outras interpretações, esse texto testemunha que há uma ligação entre a escrita da Palavra e a Eucaristia.¹¹

A relação entre Palavra e Eucaristia tem razões profundas na Bíblia, justificada pelo fato de que são anúncio e manifestação do Reino de Deus, da vida nova, da comunhão, do mundo novo iniciado na morte-ressurreição de Jesus pelo derramamento do Espírito Santo (At 16,25-34). É comunhão com o Pai, por Jesus, Palavra viva, no Espírito Santo; é comunhão também com a comunidade, na medida em que ouve a mesma Palavra do Senhor (Jo 14,23-24).

A celebração da Palavra é uma verdadeira ação litúrgica; é parte integrante da celebração do Mistério Pascal de Jesus e da nova aliança realizada por ele. É uma palavra eficaz; faz acontecer a Páscoa, porque permite ao homem passar da morte para a vida, do egoísmo para a fraternidade, do desespero para a esperança. Por isso, fala-se da sacramentalidade da Palavra.¹² A proclamação da Palavra em si mesma é sacramento, pois ela realiza o que anuncia.¹³

2.1.1. Séculos I e II – relatos de Santo Inácio de Antioquia¹⁴

No do final do século I e início do século II, Santo Inácio de Antioquia, escrevendo aos efésios, exorta-os a reunirem-se com mais frequência, para dar a Deus ação de graças

¹⁰ Há certa tendência, ao comparar as partes da celebração e sua eficácia salvífica, de atribuir à leitura da Palavra só o aspecto cognoscitivo, proclamativo, evocador; e à segunda, o efetivo e real. Contudo, já a primeira, a celebração da Palavra, deve ser considerada como acontecimento salvífico e encontro com Cristo presente, embora, certamente, a densidade sacramental da Eucaristia seja diferente.

¹¹ É o primeiro dia da semana (domingo) e se celebra a Eucaristia no salão de uma casa particular. É a primeira menção de semelhante celebração no domingo, que corresponde ao dia da ressurreição (Lc 24,1.36; Jo 20,19-26; 1Cor 16,2). Fazia-se uma tradicional ceia precedida de uma explicação bíblica (cf. nota de rodapé da *Bíblia do Peregrino*, p. 2680-2681).

¹² Ione BUYST, op. cit., p. 12.

¹³ Francisco TABORDA, *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 151.

¹⁴ Inácio, terceiro bispo depois do Apóstolo Pedro, da Igreja de Antioquia, foi enviado preso a Roma, condenado às feras durante a perseguição movida por Trajano e coroado com o martírio no ano 107. Sua memória é celebrada no dia 17 de outubro, desde o século IV. *Liturgia das Horas*, volume IV, p. 1387.

e louvor. A reunião frequente abate as forças de satanás e elimina o mal provocado por ele, mediante a força e a união na fé.¹⁵ Continua ele a exortar: “É maravilhoso ensinar, quando se faz o que diz. Assim é o mestre que falou e tudo foi feito. Também aquilo que realizou em silêncio é digno do Pai”.¹⁶ Ao falar sobre a importância da Palavra, afirma: “Quem de fato possui a Palavra de Jesus pode até ouvir-lhe o silêncio; para ser perfeito, para agir pelo que fala e ser reconhecido pelo que cala”.¹⁷ Quando escreve aos magnésios, ele insiste para que a comunidade permaneça firme nas doutrinas do Senhor e dos Apóstolos, a fim de que tudo possa caminhar para o bem.¹⁸

2.1.2. Século II – “A apologia I”, de São Justino¹⁹

No documento *A apologia I*, de São Justino²⁰, pode-se encontrar o seguinte relato sobre a liturgia dominical:

E, no dia que se chama do Sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo permite, as Memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos, e elevamos nossas preces. Celebramos essa reunião no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do “dia de Saturno”²¹ e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame.²²

O texto de Justino se presta a múltiplas considerações de detalhes. Manifesta-se de maneira clara que a celebração eucarística se afastou do seu quadro natural, o banquete. Contudo, percebe-se a presença da tríplice dimensão interna da celebração (e da comunidade), tal como nos era mostrado no sumário de Atos: “A Palavra, a Eucaristia

¹⁵ Cartas de Santo Inácio de ANTIOQUIA, *Comunidades eclesiais em formação*, p. 45.

¹⁶ Ibid., p. 46.

¹⁷ Ibid., p. 46.

¹⁸ Ibid., p. 55.

¹⁹ Esse documento, escrito na metade do século II, é o primeiro a oferecer um quadro completo da celebração eucarística.

²⁰ Matias AUGÉ, op. cit., p. 145.

²¹ O deus latino Saturno foi identificado com o deus grego Cronos. No mundo greco-romano, o sétimo dia da semana recebeu seu nome, sendo que o primeiro dia é dedicado ao sol. *Saturno* coincide, portanto, com o sábado judeu (cf. nota de rodapé do livro: Maucyr GIBIN. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma*, p. 83). Essa tradição permanece ainda, por exemplo, no inglês (*Saturday, Sunday* etc.)

²² Justino de ROMA, *I e II Apologias: diálogo com Trifão*, p. 83-84.

propriamente dita e a *Koinonia* ou preocupação com os irmãos necessitados” (At 2,42). Quanto ao mais, é fácil constatar que a estrutura interna da celebração, que Justino nos relata, permaneceu praticamente a mesma até os nossos dias, bem como a importância que ocupa o beijo da paz é a mesma que teve nas liturgias ocidentais e que mantém ainda hoje na tradição oriental. Tertuliano o chamava *signaculum orationis*.²³ Observa-se, portanto, que a leitura da Escritura é contínua.

2.1.3. Século III – “Tradição Apostólica”, de São Hipólito de Roma²⁴

Santo Hipólito de Roma confirma o que foi dito na *Apologia I*, de São Justino, a respeito da proclamação da Palavra na celebração da Eucaristia, no contexto da consagração de um bispo e na celebração batismal.²⁵ É possível que nessa época já existisse o leitor “instituído” para a proclamação da Palavra. Santo Hipólito não deixa isso muito claro, mas dá uma pista: “O leitor será instituído quando o bispo lhe der o Livro; sobre ele não será imposta a mão”.²⁶

Quanto à preparação dos catecúmenos, diz Santo Hipólito de Roma: “Ouçam a Palavra de Deus durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente seu caráter, nada mais será julgado”.²⁷

Dando continuidade às informações fornecidas por Hipólito, sobretudo quanto ao Batismo, Eucaristia e à outorga do ministério eclesial, são importantes as obras de Tertuliano e de Cipriano, que representam os primórdios das leituras cristãs na língua latina.

Nos autores citados, encontram-se múltiplas informações sobre a celebração da Páscoa anual, do domingo e dos sacramentos da iniciação cristã, bem como sobre a estruturação da oração de ordenação do bispo, presbítero e diácono.

No campo litúrgico, como em outros setores da vida da Igreja, os séculos II e III são um período de improvisação e de criatividade.²⁸ Embora possa parecer paradoxal, a liturgia primitiva extremamente fiel à tradição foi, de certa forma, universal, exatamente

²³ *Signaculum orationis* significa “sinal ou contrassinal da oração”.

²⁴ Nesse documento, escrito na primeira metade do século III, fala-se duas vezes da celebração eucarística: no contexto da consagração de um bispo (cap. 4) e no fim da celebração batismal (cap. 21). Confirma-se tudo o que já se sabe, isto é, que a Liturgia da Palavra se encerra com a oração comum e com o beijo de paz.

²⁵ Matias AUGÉ, op. cit., p. 146.

²⁶ Maucyr GIBIN, op. cit., p. 45.

²⁷ Ibid., p. 49.

²⁸ Matias AUGÉ, op. cit., p. 31.

porque era inimaginável que a tradição apostólica pudesse ser formulada de modo definitivo e imutável.

No século IV, há alguns relatos de São Cirilo de Jerusalém²⁹ aos catecúmenos. Ele exorta os iluminandos a tomar cuidado com as vãs filosofias fundamentadas em tradições humanas. Ao falar das Divinas Escrituras, ele afirma: “Tudo o que ensinam as Escrituras é divinamente inspirado, porque Um é o Deus dos dois Testamentos”.³⁰ Exorta, quando diz: “Por enquanto, escuta simplesmente a leitura das verdades da fé e memoriza-as. A seu tempo, será oferecida a confirmação tirada das Divinas Escrituras acerca de cada artigo de fé”.³¹ E acrescenta:

Como a semente de mostarda em pequeno grão contém muitos ramos, assim também esta fé, em poucas palavras, compreende todo o conhecimento contido no Antigo e Novo Testamento. Vede, irmãos, e mantende as tradições que agora recebeis e gravai-as em vosso coração.³²

A quarta catequese mistagógica de São Cirilo de Jerusalém concentra-se no ensinamento do apóstolo Paulo aos Coríntios (1Cor 11,23-24), ao falar acerca dos “divinos mistérios do Corpo e Sangue de Cristo”.³³ Percebe-se que a fonte catequética de São Cirilo é a própria Sagrada Escritura.

Nos textos de São Jerônimo³⁴ encontram-se muitos relatos sobre as Sagradas Escrituras. Ele faz a seguinte afirmação, quando relata a sua experiência com a Palavra de Deus:

Quando leio o Evangelho e vejo nele os testemunhos da lei, os testemunhos dos profetas, compreendo que falam do Cristo. (...) Não rebaixo a lei e os profetas; ao contrário, eu os

²⁹ Cirilo, bispo da cidade de Jerusalém, nasceu por volta do ano 315. Sucedeu o bispo Máximo na Sé de Jerusalém, em 348. Por causa de sua oposição aos arianos, foi mais de uma vez condenado ao exílio. Sua atividade pastoral é testemunhada pelos sermões em que explicou aos fiéis a verdadeira doutrina da fé, a Sagrada Escritura e a Tradição. Morreu em 386 (cf. *Liturgia das Horas*, vol. II, p. 1476).

³⁰ São Cirilo de JERUSALÉM, *Catequeses pré-batismais*, p. 60.

³¹ *Ibid.*, p. 69.

³² *Ibid.*, p. 70.

³³ São Cirilo de JERUSALÉM, *Catequeses mistagógicas*, p. 33.

³⁴ São Jerônimo nasceu em Estridão (Dalmácia) por volta do ano 340. Estudou em Roma, onde foi batizado. Tendo abraçado a vida ascética, partiu para o Oriente e foi ordenado sacerdote. Regressou a Roma e foi secretário do Papa Dâmaso. Nessa época começou a revisão das traduções latinas da Sagrada Escritura e promoveu a vida monástica. Mais tarde se estabeleceu em Belém, onde continuou a tomar parte muito ativa nos problemas e necessidades da Igreja. Escreveu muitas obras, principalmente comentários à Sagrada Escritura. Morreu em Belém no ano 420 (cf. *Liturgia das Horas*, vol. IV, p. 1328).

louvo, porque estão proclamando o Cristo. Leio a lei e os profetas sem me deter na lei e nos profetas; mas para, por meio da lei e dos profetas, chegar a Cristo.³⁵

Para o monge Cesário de Arles,³⁶ a Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. Assim ele afirma:

Eu lhes pergunto, irmãos e irmãs, digam o que, na opinião de vocês, tem mais valor: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserem dar a verdadeira resposta, certamente deverão dizer que a Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. E, por isso, todo cuidado que tomamos quando nos é dado o Corpo de Cristo, para que nenhuma parte escape de nossas mãos e caia por terra, tomemos este mesmo cuidado para que a Palavra de Deus que nos é entregue não morra em nosso coração, enquanto ficamos pensando em outras coisas ou falando de outras coisas; pois aquela pessoa que escuta de maneira negligente a Palavra de Deus não será menos culpada do que aquela que, por negligência, permitir que caia por terra o Corpo de Cristo.³⁷

Pode-se dizer, com essa afirmação de Cesário de Arles, que, quando se ouve a Sagrada Escritura, se entra em comunhão com Jesus e, através dele, com o Pai. Quando se comunga da mesa da Palavra, comunga-se da mesa da Eucaristia; crê-se na presença real de Jesus na Liturgia da Palavra como se crê na sua presença real na Liturgia Eucarística.

As constituições apostólicas do final do século IV falam da leitura da Lei (primeira leitura), dos profetas, das epístolas, dos evangelhos e dos Atos. Esse número parece ter se mantido nas igrejas da Síria e da Abissínia. Segundo São João Crisóstomo, a antiga liturgia bizantina teria proclamado três leituras. Constata-se isso mesmo na África de Santo Agostinho, na Espanha, na Gália, no Lecionário de Luxeuil, em Milão, segundo Santo Ambrósio e em Roma.³⁸

2.2. Do século V ao IX

Os principais documentos para o estudo desse período são: a) o *Liber Pontificalis*;³⁹ b) *Os sacramentários romanos* (veronense, gelasiano, gregoriano). Esse período começa com a queda e o desmembramento do Império. Novamente muda a

³⁵ Yone BUYST, op. cit., p. 16.

³⁶ Cesário de Arles, 470-543, monge do mosteiro de Lerins (atual França), foi um dos maiores pregadores de estilo popular da Igreja latina antiga.

³⁷ Yone BUYST, op. cit., p. 19.

³⁸ Adrien NOCENT, *História da celebração da Eucaristia*, p. 225.

³⁹ O *Gesta romanorum pontificum* consiste em uma série de notícias essencialmente biográficas e de valores desiguais relativas aos bispos de Roma.

situação para a Igreja. No campo litúrgico, o Papa Gregório promove uma reforma motivada por uma finalidade claramente pastoral: busca a simplicidade dos ritos, com linguagem direta, acessível ao povo simples.

Os séculos V, VI, VII e VIII constituem a época clássica da liturgia romana, onde, como elemento teológico, “a oração litúrgica romana orienta-se sempre para o Pai, por Cristo, no Espírito Santo; em contraposição às liturgias orientais, galicanas ou visigóticas, onde frequentemente se fala diretamente ao Senhor Jesus”.⁴⁰

Por outro lado, há, também, nos séculos VII e VIII, uma influência oriental, em virtude da grande influência de fugitivos do Oriente: “A introdução do *Agnus Dei* (cordeiro de Deus) na missa, a adoração na Sexta-feira Santa e a aceitação das festas marianas (Assunção, Nascimento, Purificação e Anunciação)”.⁴¹

Juntamente com os livros oficiais, surge uma nova literatura, na qual ressoa essa nova sensibilidade. Testemunhos dessa criatividade são o hino *Veni Creator*, ao Espírito Santo (do final do século IX), e a sequência *Victimae paschali laudes*, que se canta na missa da Páscoa (século X). Outra característica é o distanciamento do culto que se produz em relação à comunidade cristã.

A celebração converte-se, a partir do século VII, num misterioso espetáculo que o povo deve contemplar:⁴² ritos incompreensíveis e extremamente complicados, inspirados no Primeiro Testamento, numa língua que já não se entende, os fiéis cada vez mais distanciados do altar e um sacerdote que progressivamente se apropria da liturgia, ou seja, a liturgia converte-se num patrimônio exclusivo dos profissionais, os sacerdotes. Perde-se, assim, o caráter comunitário da celebração.⁴³

Ao mesmo tempo, a partir do Papa Gregório VII, considera-se necessária uma crescente centralização da vida da Igreja.

2.2.1. *Novos elementos na Liturgia da Palavra*

Reportando ao século V, para uma melhor compreensão da periodicidade da liturgia, vê-se que, no ano de 426, a Liturgia da Palavra tinha início ainda, simplesmente, com a saudação do celebrante e com as leituras bíblicas. Porém, justamente neste século,

⁴⁰ Pablo ARGÁRATE, op. cit., p. 35.

⁴¹ Ibid., p. 35.

⁴² Matias AUGÉ, op. cit., p. 37.

⁴³ Ibid., p. 37.

aparecem alguns elementos novos, distribuídos antes das leituras bíblicas, como, por exemplo, o canto de entrada, introduzido pelo Papa Celestino I (422-432).⁴⁴

Embora esta informação não tenha valor histórico, sem dúvida é verdade que o *Canto de Entrada* existia no começo do século VI, pois a notícia foi redigida nessa época.⁴⁵ Depois da paz constantiniana, com o surgimento e a solidificação do culto nas grandes basílicas, a assembleia eucarística precisava começar a celebração de uma forma mais marcante do que antes se fazia nas antigas assembleias domésticas. O canto de entrada cumpre, portanto, a função de preparar a assembleia para a celebração.

O *Hino do Glória* é outro elemento das mais antigas composições da Igreja introduzido também na liturgia. Sabe-se que este hino era cantado na liturgia bizantina no ofício da manhã.⁴⁶ O texto do Evangelho de Lucas 2,14, “Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens objetos de benevolência (divina)”, foi a inspiração para que se cantasse, nesse dia, este antigo hino no começo da celebração. Atribui-se ao Papa Simão (498-514) a extensão do Glória também aos domingos e nas festas dos mártires. Até o século XI, porém, somente o bispo podia entoá-lo nas missas presididas por ele. Partindo de um ponto de vista pastoral, a introdução deste elemento festivo deve-se aos motivos indicados acima, para a introdução do canto de entrada. O Glória é, portanto, um hino próprio para as grandes assembleias; sua finalidade é criar um ambiente festivo para a celebração.⁴⁷

A chamada *Oração da Coleta* é um elemento variável, característico da liturgia romana. Provavelmente deva ser considerada uma oração pessoal dos fiéis que, convidados pela admoestação “oremos”, se recolhem e a sua oração é concluída depois justamente pela “coleta”, que reúne de algum modo a oração pessoal de cada um. Trata-se de uma oração de quem preside. O texto da oração geralmente é dirigido ao Pai e faz menção à festa do dia. O rito de entrada se encerra com a oração sacerdotal.

Nesse período, há documentos que testemunham a existência dos cantos no meio das leituras bíblicas. Santo Agostinho, por exemplo, fala do “salmo responsorial”.⁴⁸

⁴⁴ Ibid., p. 147.

⁴⁵ Ibid., p. 147.

⁴⁶ Na liturgia romana encontramos o primeiro testemunho confiável do canto Glória na missa de Natal em uma das homilias natalinas do Papa Leão Magno (440-461).

⁴⁷ Matias AUGÉ, op. cit., p. 148.

⁴⁸ Santo AGOSTINHO, *Confissões*, p. 251.

2.2.2. A Oração Comum, ou dos Fiéis, e o Credo

É importante falar mais detalhadamente da *Oração Comum*, ou *dos Fiéis*, como elemento da Liturgia da Palavra, porque, no período em estudo, desaparece da liturgia romana. Nos primeiros cinco séculos, há alguns testemunhos indiretos e outros diretos a respeito da existência e do conteúdo da Oração Comum.

A *Sacrosanctum Concilium*,⁴⁹ quando determina a retomada desta Oração “Comum ou dos Fiéis”, faz a alusão a 1 Timóteo:

Acima de tudo, recomendo que se façam preces, orações, súplicas, ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, para que possamos viver uma vida calma e tranquila, com toda a piedade e honestidade (1Tm 2,1-2).

É evidente que não há relação direta entre o texto paulino e a Oração Comum da Liturgia da Palavra. Serve, porém, para indicar com exatidão o espírito dessa oração comunitária e da oração cristã em geral.

Uma relação mais direta com a oração litúrgica em questão é encontrada na *Carta aos Coríntios*, do Papa Clemente (+/-100 d.C.) e em Policarpo de Esmirna (+/-155 d.C.), que escreve aos filipenses:

Rezai por todos os santos. Rezai também pelos reis, autoridades e príncipes, pelos que vos perseguem e vos odeiam e pelos inimigos da cruz, para que o vosso fruto se manifeste, e todos sejais perfeitos nele.⁵⁰

Os últimos elementos da Liturgia da Palavra que aparecem são as orações do começo da missa e o Credo. Pode-se estudar o desenvolvimento dessas orações, proferidas antes diante do altar, nos *Ordines*. São orações que manifestam uma mentalidade que se compraz na multiplicação das chamadas “apologias”, fórmulas de reconhecimento do próprio pecado, e da indignidade do celebrante, com pedido de graça e perdão. O “ato penitencial⁵¹” da atual Liturgia da Palavra é, em si, uma novidade, porque se destina a toda a assembleia, ministros e fiéis.

O *Credo* foi usado pela primeira vez na missa, em Constantinopla, no começo do século VI. Pouco depois, aparece na Espanha, na faixa costeira mediterrânea, que na época estava sob o domínio bizantino. Carlos Magno o introduziu na capela palatina de

⁴⁹ SC, n. 53.

⁵⁰ Policarpo de ESMIRNA, in *Padres Apostólicos*, p. 146.

⁵¹ Matias AUGÉ, op. cit., p. 151-152.

Aquisgrana. Na Europa do norte, não vigorou até o século X. Foi introduzido em Roma, no começo do século XI, por Bento VIII, sob pressão do imperador germânico Henrique II. Não se deve esquecer de que, com a introdução do *Credo* em Roma, ele perdeu aquele caráter um tanto polêmico que tinha nas outras Igrejas, que queriam proclamar a verdadeira fé contra as heresias. Em Roma se torna simplesmente uma resposta fervorosa de fé à Palavra de Deus proclamada.

2.3. Do século X ao Concílio de Trento

É interessante compreender que, nesse período, o fardo das discussões teológicas, herdadas do passado, pesava sobre certas questões, como a da presença real na Eucaristia. Certos problemas específicos, atraindo a atenção da época, terminaram por colocar na sombra uma grande parte da paisagem teológica. Resultou daí um desequilíbrio na sensibilidade e no pensamento cristão.⁵²

Entra-se aqui na chamada Baixa Idade Média. A cultura da época (citadina) manifesta-se no ambiente religioso com o surgimento das ordens mendicantes, com uma concepção totalmente diferente da monástica, que dominara os séculos anteriores.

O fenômeno do franciscanismo implica uma nova visão do mundo. Da Igreja monástica anterior, volta-se para uma Igreja que sabe pregar em todos os espaços da vida a mensagem de Cristo, com o testemunho de uma vida simples e pobre. As respostas do povo à pregação são magníficas. Manifesta-se um anseio de escutar as maravilhas da Palavra de Deus. Evidentemente, isso conduz a uma nova concepção da Igreja.

O devocionismo surge como uma busca, por parte do povo fiel, de um alimento espiritual, quando as fontes sólidas de espiritualidade, como as Escrituras e a liturgia, lhe estavam vedadas ou eram incompreensíveis.⁵³

A admiração devotada ao Menino do Presépio, a profunda compaixão pelo Cristo sofredor, o terno amor por Maria dolorosa são elementos que entre o povo substituem a liturgia. Juntamente com Maria, os santos aparecem como destinatários de um fervoroso culto. São eles os mediadores de um Deus demasiado distante, expresso na multiplicação de estátuas nos templos, deslocando do altar-mor o próprio Cristo.

Percebe-se, então, que a centralidade das celebrações nesse período não era mais o Mistério Pascal de Cristo, como no primeiro milênio da era cristã, em que a comunidade

⁵² Lucien DEISS, *A Palavra de Deus celebrada*, p. 41.

⁵³ Pablo ARGÁRATE, *op. cit.*, p. 40.

se reunia para ouvir as Escrituras e os ensinamentos dos apóstolos. A Eucaristia passa a ser um ato de devoção dos fiéis e não mais a celebração do Mistério Pascal de Cristo.

Tudo isso foi fertilizando o terreno para que surgissem movimentos de reforma, dentro e fora da Igreja. Um fosso intransponível é cavado entre a teologia e a vida espiritual, o qual ainda não foi superado. O teólogo Von Balthasar afirma que o drama de nossa época é que os teólogos não são mais santos, nem os santos, teólogos. Para os Padres da Igreja, ao contrário, a espiritualidade não era senão o dogma vivido.⁵⁴

2.4. De Trento ao Vaticano II

Durante toda a Idade Média, não faltaram vozes de teólogos que apontavam os desvios e abusos da piedade eucarística da época. Tais abusos foram asperamente criticados por Martinho Lutero e pelos reformadores do século XVI.

O Concílio de Trento (1545-1563) foi um dos mais interessantes da história. Significou um esforço grandioso, por parte da Igreja, para responder às interrogações suscitadas, afirmando a fé da Igreja, mediante as críticas elencadas por Lutero no campo dogmático, focando a Igreja e sua realidade sacramental.⁵⁵

Em face do totalitarismo eucarístico e da insistência na presença real de Cristo na Eucaristia, a teologia católica mostrou-se bastante tímida para insistir na presença real de Cristo em sua Palavra. Em contrapartida, a teologia protestante insistiu na presença de Cristo em sua Palavra e fez da Escritura a bandeira de suas reivindicações.⁵⁶ Diante do dilema protestante que propõe a fé ou as obras, a Escritura ou a Igreja, Deus ou o homem, Trento afirma a fé e as obras, a Escritura e a Igreja, Deus e o homem.

No que diz respeito à evolução litúrgica, Lutero produz uma decomposição da tradição multissecular. A nobre intenção de recuperar a Palavra de Deus leva-o, praticamente, a suprimir a ritualidade das celebrações.⁵⁷

O movimento litúrgico é um fenômeno bastante moderno, na finalidade e no conteúdo. Nele se encontra o desejo da participação ativa dos fiéis no sacrifício eucarístico. O sínodo de Pistoia, em 1786, deixa alguns acenos nesse sentido. Todavia, todo esse movimento não ultrapassou os claustros, em virtude da falta de uma noção adequada de Igreja no século XIX.

⁵⁴ Ibid., p. 43.

⁵⁵ Ibid., p. 45.

⁵⁶ Lucien DEISS, op. cit., p. 41.

⁵⁷ Pablo ARGÁRATE, op. cit., p. 47-48.

A reflexão monástica sobre a liturgia continua no século XX. O movimento litúrgico nesse período encontra sua força com o mundo leigo, no Congresso Nacional de Obras Católicas, em Malinas, 1909. Os mosteiros começam a organizar semanas de conferências litúrgicas. Esse movimento vai ter o seu auge no Concílio Vaticano II, onde os anseios são superados com a aprovação do documento *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia.⁵⁸

O Vaticano II, ao afirmar que “a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística estão tão estreitamente unidas que formam um único ato de culto”,⁵⁹ confirma o que foi dito pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo. Isso é um grande avanço para a Igreja no final do século XX.

Como se pode observar, a história é sempre um elemento de colaboração para uma melhor compreensão do presente, principalmente quando se conhecem os fatos, as causas e as motivações que levaram às realizações concretas.

Uma breve exposição do contexto histórico da celebração da Palavra de Deus na liturgia, através dos tempos, por certo, já propicia um pouco de luz no desenvolvimento progressivo que compõe o próximo capítulo.

⁵⁸ Lucien DEISS, op. cit., p. 42-43.

⁵⁹ SC, n. 56.

CAPÍTULO III

A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

Na celebração litúrgica, é máxima a importância da Sagrada Escritura. Para cuidar da reforma, do progresso e da adaptação da Sagrada Liturgia, é necessário que se promova o suave e vivo afeto pela Sagrada Escritura atestado pela Tradição.¹ Nesse sentido, a comunicação da Palavra de Deus na liturgia tem um papel muito importante no processo interativo do “eu para o tu e vice-versa”.² Essa comunicação envolve o ser humano por inteiro: corpo, sentidos, ouvido, tato, olfato, olhar, pensar, sentir, falar e agir,³ transformando-o e fazendo-o discípulo e missionário do Verbo no mundo.

O enraizamento da fé cristã no mundo e na existência humana depende, em essência, da maneira como se celebram os sacramentos e os demais ritos litúrgicos. Eis por que, nos dias atuais, é importante e urgente a abordagem litúrgica do mistério cristão em seus conteúdos fundamentais.

A liturgia é não um discurso sobre o culto cristão, mas, principalmente, uma celebração mística e institucional da Igreja, que é “expressão e revelação do mistério de Cristo e da autêntica natureza da verdadeira Igreja”.⁴ Fonte real do estudo teológico da liturgia é a própria celebração litúrgica.⁵ Entre a celebração litúrgica e a teologia (a fé viva de um crente que busca compreender aquilo em que crê), surge a teologia litúrgica. Essa simbiose situa o pensamento litúrgico em seu contexto próprio, fora do ritualismo frívolo e da secularização racionalista. O liturgista é antes de tudo um mistagogo, alguém que crê no mistério de Jesus Cristo e o celebra no meio da Igreja, sendo sua reflexão teológica um fruto da sua atividade celebrante. A teologia é a própria celebração, enquanto objeto de reflexão, nascendo esta da experiência daqueles que dela participam e nela vivem.

¹ SC, n. 24.

² Helena CORAZZA, op. cit., p. 11.

³ Ibid., p. 11.

⁴ SC, n. 2.

⁵ Dionisio BOROBIO, op. cit., p. 239.

3.1. A Palavra de Deus na liturgia, lugar privilegiado

A liturgia, como ação da comunidade eclesial, é o espaço primordial em que a Palavra de Deus ressoa com particular eficácia. Nela, Deus se comunica com seu povo; Cristo continua a anunciar o Evangelho; e o povo responde a Deus com o canto e a oração.⁶ Nas diferentes formas celebrativas com as quais a assembleia dos fiéis participa de modo consciente e ativo, manifestam-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus. Dessa maneira, a própria celebração litúrgica, que se alimenta e se apoia na Palavra, transforma-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia. Assim, a Palavra de Deus é o eixo fundamental de toda a liturgia cristã. Ela é escutada por meio de diversos ritos e num estilo que depende da cultura de cada povo ou Igreja particular.

Principalmente na liturgia, a Igreja aborda a Palavra de Deus como uma Palavra viva e sempre atual, na qual ela lê sua história recente, vê refletida sua vida e ouve a mensagem que o Deus vivo lhe dirige hoje.⁷ Muitas são as formas pelas quais a Palavra de Deus se exprime nas celebrações litúrgicas e atua no coração dos fiéis. Em consequência, os destinatários da Palavra de Deus não são indivíduos isolados, mas o povo de Deus reunido e congregado pelo Espírito Santo, que pela escuta da Palavra se transforma em Igreja, Corpo Místico de Cristo em oração e sinal de salvação para a humanidade.

O Povo de Deus é convidado a escutar permanentemente a Palavra e a pô-la em prática, acima de todas as coisas. No entanto, a Palavra de Deus não é acolhida se o ouvinte, pela graça de Deus e o poder do Espírito Santo, não se transforma numa mensagem do Evangelho e em pregador dessa mesma Palavra aos irmãos.⁸ A Introdução ao Lecionário da Missa descreve o seguinte:

Todos os cristãos, que pelo Batismo e pela Confirmação no Espírito se convertem em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de sua vida.⁹

A Igreja tem a missão de continuar a obra iniciada por Cristo. Ela cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus. Os prodígios, que de muitas formas Deus realizou

⁶ SC, n. 33.

⁷ Mariano MAGRASSI, *Viver a palavra*, p. 159.

⁸ CELAM, op. cit., p. 159.

⁹ OLM, n. 7.

na história da salvação, tornam-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica. Sempre que a Igreja, congregada pelo Espírito Santo, anuncia e proclama a Palavra de Deus, reconhece a si mesma como povo novo, no qual a aliança outrora selada chega agora à sua plenitude e perfeição.¹⁰ Portanto, quando a Igreja se reúne para escutar e celebrar a Palavra e depois anunciá-la com a vida, está presente a Palavra viva: Jesus Cristo.¹¹

A missão que Cristo confiou à Igreja é, ao mesmo tempo, missão de anúncio e de atualização sacramental do Mistério da Salvação:¹² “Ide por todo o mundo e proclamai a Boa-Nova a toda criatura. Aquele que crer e for batizado se salvará, mas o que não crer será condenado” (Mc 16,5-16; Mt 28,19-20).

A Igreja, ao revalorizar a Palavra de Deus em sua liturgia, reconhece que sua eficácia está nessa mesma Palavra.¹³ Ela nutre a fé¹⁴ e, na Eucaristia, é a fonte cristalina e perene da vida no Espírito. O poder e a eficácia encerrada na Palavra de Deus são tão grandes que constituem apoio e força para a Igreja e para seus filhos, firmeza da fé, alimento da alma, pureza e perene fonte espiritual.¹⁵ “A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12) e pode “edificar e dar a herança aos santos”¹⁶ (At 20,32).

A interdependência entre Palavra de Deus e liturgia é essencial à vivência cristã e à ação memorial do Mistério Pascal. Se, por um lado, a Sagrada Escritura desempenha uma função específica na liturgia, esta, por sua vez, desempenha um papel de fundamental importância na atualização do fato anunciado pela Palavra de Deus. A proclamação que a Igreja faz na ação litúrgica confere à Palavra inspirada atualidade e eficácia. Ela constitui uma intervenção atualizada de Deus em favor da salvação das pessoas reunidas em assembleia.

Na ausência de um desses elementos, a proclamação da Palavra pode degenerar-se em ilustração catequética. Cada um desses elementos atinge seu ápice na celebração litúrgica, principalmente na Eucaristia, centro de toda a realidade sacramental. É nesse contexto que a Palavra alcança o máximo de sua força criadora, mediadora e salvífica.

¹⁰ Ibid., p. 196-197.

¹¹ CELAM, op. cit., p. 159.

¹² Ibid., p. 159.

¹³ CELAM, op. cit., p. 160.

¹⁴ DV, n. 23; PO, n. 4.

¹⁵ CELAM, op. cit., p. 160.

¹⁶ DV, n. 21.

“A presença de Cristo chega à sua intensidade máxima na assembleia dos fiéis reunidos em torno do altar.”¹⁷ Nela, a palavra está ligada ao rito, que é ação de Cristo e pode recuperar sua força de proclamação que salva.

3.2. O “hoje” da comunicação da Palavra de Deus

“Cumpriu-se hoje diante de vós essa profecia” (Lc 4,21). “Hoje chegou a salvação a esta casa” (Lc 19,20). “Eu te asseguro que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23,43).

Como entender a atualidade de um acontecimento proclamado pela Palavra? Na ação litúrgica, o fato de que a palavra anuncia transforma-se em realidade atual. O plano de comunhão entre Deus e seu povo “realiza-se por obras e palavras intrinsecamente ligadas”.¹⁸ Quando, na liturgia, a Igreja proclama esses acontecimentos, não narra o que ocorreu uma vez no passado, mas o que acontece hoje na própria ação celebrativa. A ação salvadora desejada pelo Pai, realizada por Cristo sob o impulso do Espírito Santo transforma-se em uma realidade atual, no hoje da comunidade eclesial. O que se “cumpriu” em e por Cristo torna-se presente e é comunicado à comunidade. As ações e gestos redentores de Cristo fazem-se misteriosamente presentes em cada membro da assembleia, agora, hoje, para que este seja santificado pela força salvífica.

A Palavra de Deus não atua apenas no presente. Ela concentra e envolve os ouvintes na tríplice dimensão do tempo: passado, presente e futuro. A divisão do tempo é ação humana para (res)significar a história. A Introdução ao Lecionário da Missa afirma:

Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos sagrados mistérios, não só se vincula com a atual situação presente, como se volta também para o passado e vislumbra o futuro, levando-nos a ver como são desejáveis as coisas que esperamos, para que, em meio às vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmes na verdadeira alegria.¹⁹

A celebração litúrgica é, ao mesmo tempo, “memorial e profecia”. História do ocorrido e profecia do que deve cumprir-se em nós agora e do que se cumprirá no final dos tempos.²⁰ Toda a história sagrada se atualiza, torna-se viva, na ação celebrativa, para

¹⁷ Mariano MAGRASSI, op. cit., p. 93.

¹⁸ DV, n. 2.

¹⁹ OLM, op. cit., n. 7.

²⁰ Mariano MAGRASSI, op. cit., p. 104.

realizar a salvação.²¹ Para aceder a essa experiência, o caminho é a comunicação humana no interior da celebração por meio de todos os símbolos e demais elementos.

3.3. Palavra e sinal sacramental

Na liturgia cristã, há uma íntima reciprocidade entre a Palavra de Deus e a ação sacramental. Uma reciprocidade já evidente na ordem evangelizadora aos discípulos: “Ide por todo o mundo e proclamai a Boa-Nova a toda criatura. Aquele que crer e for batizado se salvará” (Mc 16,15; Mt 28,19; Lc 24,27-31). Mais ainda, a ação litúrgico-sacramental concentra em si palavra e ação, anúncio e testemunho, proclamação e expressão simbólica.

A ação sacramental (ou sacramento) é a palavra, pois também é memorial do Mistério Pascal do Senhor e anuncia a tríplice dimensão do mistério de Cristo. Ele veio e pôs sua tenda entre nós (Jo 1,14), vem constantemente mediante a ação celebrativa e virá um dia cercado de glória.²²

A palavra, por seu turno, também é sacramento. Ela potencializa na comunidade o mistério da Encarnação do Verbo e suscita a fé dos membros da assembleia que a acolhem com veneração (Rm 10,17):

A palavra é muito mais do que um sacramental, porque às próprias palavras da Escritura, lidas e interpretadas com as devidas disposições, são inerentes uma luz e uma força que superam as das palavras puramente humanas, e lhes dão uma autoridade e uma virtude singulares e únicas.²³

Ao longo da história, Palavra e sacramento, Palavra e sinal foram abordados de diferentes perspectivas. A Igreja Católica insistiu mais no rito e no sinal,²⁴ e as Igrejas Protestantes deram primazia à Palavra.²⁵ Hoje, sob o impulso do Vaticano II e do ecumenismo, busca-se uma síntese mais equilibrada entre “Palavra e sinal”, como dois elementos necessários e integrantes dos sacramentos da Igreja.²⁶ No *Dicionário de Liturgia*, encontra-se a seguinte afirmação:

²¹ CELAM, op. cit., p. 161.

²² SC, n. 7.

²³ CARDENAL BER, citado por MARTINS TERRA, J. E. A celebração da Palavra na celebração eucarística. *Revista de Liturgia*, n. 33, p. 10, 1979.

²⁴ Dionisio BOROBIO, *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*, vol. 1, p. 314-315.

²⁵ *Ibid.*, p. 313-314.

²⁶ CELAM, op. cit., p. 163.

Desejou-se no passado estabelecer uma distinção entre catolicismo e protestantismo, contrapondo “Igreja do sacramento” e “Igreja da palavra”. Hoje, nenhuma confissão cristã admite oposição entre essas duas realidades. Palavra e sacramento já não são considerados como elementos justapostos ou como duas maneiras diferentes e independentes pelas quais a graça é comunicada. Elas se compenetraram reciprocamente. Nenhum sacramento pode ser concebido como meio eficaz de graça sem a palavra, que anuncia de modo pessoal a salvação. Por outro lado, os sacramentos estendem a eficácia da palavra à dimensão corporal do homem.²⁷

A *Sacrosanctum Concilium* indica critérios que revelam a conexão entre o rito sacramental e a Palavra, para mostrar com clareza a íntima conexão entre a Palavra e o rito na liturgia. Nas celebrações sagradas, deve haver leituras da Sagrada Escritura mais abundantes, mais variadas e mais apropriadas.²⁸

A ação litúrgica atualiza o Mistério da Salvação por intermédio da unidade de palavra e acontecimento. A palavra acompanha o rito sacramental, e este se realiza por meio não só de gestos e objetos sagrados, mas, sobretudo, da palavra proclamada.²⁹

A relação equilibrada entre “Palavra e sinal” pressupõe superar falsas compreensões, tais como: conceder à Palavra um papel ilustrativo, preparativo e exortativo, e ao sinal uma função eficaz e transformadora; afirmar que toda a eficácia do sacramento vem da Palavra, enquanto o sinal exterior exerce uma mera função pedagógica; resolver a relação entre palavra e sinal (ação sacramental), a partir de uma concepção dissociativa e mecanicista, desejando ver os aspectos a que são atribuídos maior dinamismo e eficácia.

Muitas são as explicações acerca da relação entre a Palavra proclamada e a ação litúrgico-sacramental. O Vaticano II afirma que palavra e ação sacramental não são “duas mesas separadas”,³⁰ mas estão intimamente interligadas e uma conduz à outra:

Com efeito, a pregação da palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, visto que são sacramentos da fé, a qual nasce da palavra e dela se alimenta. Espiritualmente alimentada nestas duas mesas, a Igreja avança em seu conhecimento graças a uma e, em sua santificação, graças à outra. Com efeito, na Palavra de Deus se proclama a aliança divina, ao passo que na Eucaristia se renova a mesma aliança nova e

²⁷ Paolo TAMBURRINO, *Dicionário de Liturgia*, p. 322.

²⁸ SC, n. 35.

²⁹ CELAM, op. cit., p. 163.

³⁰ DV, n. 21.

eterna. Naquela se evoca a história da salvação por meio do som das palavras; nesta, a mesma história é apresentada por meio dos sinais sacramentais da liturgia.³¹

Só a Palavra pode expressar o conteúdo e a grandeza daquilo que a ação sacramental torna presente. Na celebração litúrgica, são inseparáveis palavra e ação, profecia e memorial. A estrutura palavra-rito, que constitui o núcleo de toda liturgia, não deve ser entendida como elementos sucessivos, como se a primeira parte da celebração fosse dedicada à Palavra e a segunda ao rito sacramental. Sua estrutura é de natureza muito mais integrada (sincrônica). Em toda a celebração, há palavras, gestos e símbolos. Dessa forma, palavra e rito constituem a textura de toda ação litúrgica cristã.

3.4. Estrutura da Liturgia da Palavra de Deus

No início do cristianismo, ainda sob influência da liturgia sinagoga, vislumbrava-se já a estrutura da Liturgia da Palavra das comunidades cristãs. É significativo o testemunho de São Justino, contemplado no capítulo II, que descreve a Liturgia da Palavra por volta do ano 150. Embora não explique o número das leituras naquele tempo, ele nomeia os profetas e as memórias dos apóstolos, em que por certo incluíam tanto as epístolas como os evangelhos.

Nos primeiros séculos, nas diferentes famílias litúrgicas, havia grande diversidade no número e na escolha das leituras. A partir desse testemunho, percebe-se de maneira clara e constante, nas diferentes famílias litúrgicas, a presença de quatro elementos constitutivos da Liturgia da Palavra:³² proclamação das leituras bíblicas e homilia; cantos de salmos e hinos; oração da assembleia; e oração de quem preside.

A Mesa da Palavra estrutura-se ao redor de dois eixos: o anúncio da palavra e a oração da comunidade reunida em assembleia. De acordo com a ênfase dada ao anúncio e à oração, articulam-se os elementos fundamentais da Liturgia da Palavra. No entanto, o acento num ou noutro eixo depende da finalidade da celebração, de sua situação no conjunto da vida litúrgica e das necessidades da assembleia.³³

No que se refere à Liturgia da Palavra, sobressaem duas particularidades interessantes. Uma delas é a da “leitura seguida”, “continuada”, do Lecionário, ao longo de diversos domingos, combinada com a “leitura própria”, isto é, aquela que se faz

³¹ *OLM*, op. cit., n. 10.

³² *CELAM*, op. cit., p. 168.

³³ *Ibid.*, p. 169.

escolhendo os fragmentos que tenham relação mais direta com a festa do dia ou com o “tempo próprio” do ano litúrgico (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa).

A outra particularidade é a da compilação. Consiste em selecionar para a perícopes que vai ser lida os versículos considerados mais interessantes, deixando de lado os intermediários.

CAPÍTULO IV

AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Nos capítulos anteriores, percebeu-se a centralidade da Palavra de Deus na vida da comunidade judaico-cristã. No Primeiro e Segundo Testamento constata-se sempre uma relação íntima entre o criador e a criatura. Um interage com o outro e vice-versa. Essa interação acontece plenamente por meio da Palavra encarnada. “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua Glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade” (Jo 1,14).

A relação entre Cristo, Palavra do Pai, e a Igreja demonstra uma relação vital na qual cada fiel, pessoalmente, é chamado a entrar. A Constituição dogmática *Dei Verbum* expressa este mistério com os termos bíblicos de um diálogo nupcial:

Deus, que outrora falou, continua sempre a falar com a Esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo, pelo qual ressoa a voz viva do Evangelho da Igreja e por ela, no mundo, introduz os crentes na verdade plena e faz que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cf. Cl 316).¹

A *dabar* é geradora de vida e esperança no coração do homem. “A quem iremos, Senhor, se só tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Essa Palavra de vida eterna inquietou e inquieta o coração daquele que se abre para escutá-la.

4.1. Os avanços na caminhada litúrgica da Igreja

A história sempre teve os seus altos e baixos. Na caminhada litúrgica da Igreja não foi diferente. Como se vê neste estudo, a grande marca atual são os diversos documentos publicados pelo Magistério da Igreja insistindo sempre na formação da pastoral litúrgica, das equipes de celebração e dos que exercem diversos ministérios na vida da Igreja.

O Concílio Vaticano II foi um marco na caminhada de toda a Igreja no contexto litúrgico. A comunicação da Palavra de Deus fica mais acessível aos fiéis. O imperativo

¹ DV, n. 8.

é: participar de maneira “consciente, ativa e frutuosa”² das ações litúrgicas e não ser mero ouvinte. Sinaliza-se, assim, a nova eclesiologia da Igreja pós-conciliar.

Os documentos do CELAM, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, abriram novos horizontes. A CNBB, em sintonia com o Magistério da Igreja e o Sucessor de Pedro, tem publicado vários documentos no que diz respeito à caminhada litúrgica da Igreja no Brasil. O Documento 43 da CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil* (1989), e o 52, sobre as *Orientações para a celebração da Palavra de Deus* (1994), são frutos da caminhada de uma Igreja viva.

O Papa Bento XVI, em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, em 30 de setembro de 2010, em Roma, afirmou:

Considerando a Igreja como “casa da Palavra”, deve-se antes de tudo dar atenção à liturgia sagrada. Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura.³

4.2. Formação litúrgica, um desafio a ser superado

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, afirma:

Em todas as celebrações litúrgicas, ministro ou fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas.⁴ Os acólitos, leitores, comentadores e cantores exercem um verdadeiro ministério litúrgico. Desempenhem, pois, as suas funções com devoção e ordenadamente, como convém à dignidade do ministério e ao que o povo de Deus deles exige, com todo o direito. Desde cedo, portanto, estejam todos imbuídos do espírito da liturgia e sejam devidamente iniciados no desempenho correto de seus respectivos papéis.⁵

Percebe-se que o Concílio estimula uma verdadeira formação para os que servem na liturgia. Insiste também que se deve “promover a participação ativa do povo nas celebrações e que nos momentos devidos seja guardado o silêncio sagrado”.⁶

² SC, n. 11.

³ VD, n. 52.

⁴ SC, n. 28.

⁵ SC, n. 29.

⁶ SC, n. 30.

A Palavra de Deus é a realidade mais viva e a expressão mais eloquente da vida da Igreja. Em vista disso, a *liturgia* é considerada como ponto de partida para celebrar a Palavra de Deus na comunidade dos fiéis, que se congrega para escutá-la.

Por esse motivo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida em Itaici, São Paulo, para a 32ª Assembleia Geral, em 1994, após uma pesquisa realizada nos anos de 1989-1990, a qual foi respondida por 159 dioceses, numa porcentagem de 65% sobre o total, revelou que a celebração da Palavra de Deus aos domingos é uma das formas celebrativas mais frequentes. Aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus.⁷ Desse estudo surgiu o documento 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*.

O mesmo documento diz que na celebração da Palavra de Deus, mediante os vários serviços e funções, cada um tem o direito e o dever de contribuir com a sua participação, de modo diferente, segundo a diversidade de função e ministério.⁸

Com base nas afirmativas elencadas acima, sobre a formação litúrgica das Equipes de Celebração, por meio de uma pesquisa de campo em 7 paróquias da diocese de Caratinga, Minas Gerais, em 2009, correspondendo a 100 comunidades que têm Eucaristia uma vez por mês, constatou-se que a participação dos fiéis na celebração dominical da Palavra não é tão frutuosa e valorizada porque falta formação de seus agentes.

Das 100 comunidades que responderam à pesquisa, 3% têm missa todos os domingos e 97% uma vez por mês.

Entre as 97 comunidades que têm missa uma vez por mês, 20 delas têm missa aos domingos e 77 nos dias de semana. A participação nas missas é expressiva: 92%.

Em contrapartida, percebe-se que a participação na celebração da Palavra de Deus aos domingos não é tão expressiva nem tão frutuosa. Segundo a pesquisa, apenas 25% dos membros da comunidade vão à celebração no Dia do Senhor. As justificativas são diversas: 13% diz não gostar de celebração da Palavra; 18% que o horário não favorece e 69% diz que só participa se for missa.

A pesquisa demonstra que 69% das comunidades eclesiais têm equipes responsáveis pela celebração da Palavra e 31% ainda não têm equipes responsáveis para organizar e preparar a celebração. Todos responderam que os membros das equipes de celebração não têm formação litúrgica.

⁷ CNBB, Doc. 52, p. 5.

⁸ CNBB, Doc. 52, n. 21.

Quanto ao material em que se proclama os textos bíblicos, constata-se que 87% leem o texto da Sagrada Escritura no jornalzinho, 10% no Lecionário e 3% na Liturgia Diária. A pesquisa demonstra que apenas 9% dos leitores, salmistas, cantores e animadores de celebração da Palavra de Deus nas comunidades têm formação litúrgica e 91% não têm formação.

Outro dado curioso da pesquisa é que 6% das comunidades preparam a celebração no início da semana, 20% no meio da semana e 74% no dia da celebração. As comunidades que escolhem os leitores durante a semana somam 27% e na hora da celebração, 73%. Os entrevistados responderam que 21% dos dirigentes de celebração nas comunidades preparam o roteiro com a equipe e 79% não o preparam.

Sendo o domingo o coração da semana e o Dia do Senhor por excelência, os cristãos são chamados a participar da celebração dominical da Palavra de Deus, onde terão acesso aos tesouros da Sagrada Escritura e da oração da Igreja.⁹

Conclui-se que a hipótese levantada de que as lideranças das comunidades têm boa intenção mas falta-lhes uma boa formação litúrgica, bíblica, espiritual e técnica para que possam celebrar o domingo como o “Dia do Senhor”, procede. E conclui-se também que a falta de formação das equipes de celebração leva os fiéis a se ausentarem da celebração da Palavra aos domingos nas comunidades onde não há Eucaristia.

4.2.1. Equipes de celebração na comunidade

As equipes de celebração têm um papel importante na vida da comunidade. Elas são encarregadas de preparar, animar e integrar os diversos serviços na celebração, tais como o acolhimento fraterno, a presidência da celebração, a animação, o canto, a proclamação das leituras e outros. Convém que delas participem crianças, adolescentes, jovens, homens e mulheres, acompanhados de uma boa formação litúrgica.¹⁰

Cabe às equipes preparar a celebração, situá-la no tempo litúrgico e na realidade da vida da comunidade; ler e refletir os textos bíblicos; prever os comentários, orações, cantos, gestos e as expressões simbólicas que a vida da comunidade e a Palavra de Deus sugerem; elaborar o roteiro da celebração; e distribuir as funções visando à participação ativa de toda a assembleia.¹¹

⁹ Ibid., n. 31.

¹⁰ Ibid., n. 42.

¹¹ Ibid., n. 43.

4.2.2. Formação litúrgica das equipes de celebração

Os documentos do Magistério da Igreja e a pesquisa citada comprovam a necessidade de as equipes de celebração se reunirem para preparar a celebração dominical da Palavra de Deus e a urgência na formação litúrgica de seus integrantes. O estudo deve levar em consideração a dimensão bíblica para que a equipe possa compreender as leituras em seu contexto próprio, entendendo, à luz da fé, o núcleo central da mensagem revelada. A formação litúrgica ajudará na percepção do sentido e da estrutura da Liturgia da Palavra, e a formação técnica os capacitará para se tornarem sempre mais aptos na arte de ler diante do povo, seja de viva voz, seja com a ajuda de instrumentos modernos para a amplificação da voz.¹²

Quanto à necessidade de cuidar de uma adequada formação dos leitores na celebração litúrgica, o Papa Bento XVI, em sua exortação pós-sinodal, fez o seguinte eco dos Padres sinodais:

O ministério do leitorado no rito latino é ministério laical. É necessário que os leitores encarregados de tal serviço, ainda que não tenham recebido a instituição no mesmo, sejam verdadeiramente idôneos e preparados com empenho. Tal preparação deve ser não apenas bíblica e litúrgica, mas também técnica.¹³

A formação permanente ajudará cada membro das equipes de celebração a mergulhar na “fonte e cume”¹⁴ do Mistério Pascal de Cristo celebrado na palavra.

4.2.3. O leitor é o comunicador por excelência

A revista *Família Cristã*, em 2001, no suplemento *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja no Brasil*, número 18, publicou uma entrevista com o ator de teatro Paulo Autran, na seção Comunicação na Liturgia. Ele, na entrevista, diz que os textos bíblicos são de uma elevação tão grande que necessita de certa concentração quando os lê, principalmente, se tomar consciência de que as pessoas que estão ouvindo precisam entender o que se está lendo e que as cerimônias religiosas devem propor um momento de elevação espiritual. Acrescenta, ainda, que são necessários unção, entusiasmo interior e convicção absoluta, pois, segundo ele, isso pode tocar até aquelas pessoas que não creem

¹² OLM, op. cit., n. 55.

¹³ VD, n. 58.

¹⁴ SC, n. 10.

no que se diz.¹⁵ Por fim, afirma que o gesto deve vir de dentro e naturalmente, porque, quando premeditado, é falso; e o silêncio é indispensável, não longo, mas uma pausa que valoriza o que se acabou de dizer e o que se vai dizer em seguida.¹⁶

Todos que exercem ministério na celebração necessitam estar conscientes de sua função ministerial. Viver o que está proclamando, deixar-se ser tocado interiormente e escutar com o coração. Quando se vive em profundidade o que se comunica, emociona-se os outros e emociona-se a si mesmo.¹⁷ “O que mais ajuda em uma adequada comunicação da Palavra de Deus à assembleia, por meio das leituras, é a própria maneira de ler dos leitores, que devem fazê-lo em voz alta e clara, e com conhecimento do que leem.”¹⁸

O leitor consciente da importância de sua função e papel busca aperfeiçoar-se por meio da técnica, como a vocalização, a dicção, a emissão e a modulação da voz, o ritmo da leitura e a postura corporal, para proclamar com fé viva a Palavra de Deus na liturgia, como acontecimento novo, único e irrepetível.

Na liturgia, segundo o liturgista Dionisio Borobio, é Deus quem fala ao povo. Essa ação de Deus passa pela pessoa concreta do leitor. No exercício de seu mistério, o leitor deve evitar a teatralidade, a recitação impessoal, neutra, monótona e uniforme. Daí decorre a necessidade de preparar seriamente aquele que lê a palavra na celebração litúrgica.¹⁹

A proclamação da palavra suscita participação ativa e consciente dos fiéis, isto é, uma resposta de vida. Por meio da própria Palavra de Deus escutada e meditada, os fiéis podem dar uma resposta plena de fé, esperança e amor, de oração e entrega de si mesmos, não só no momento celebrativo, mas também em toda a vida cristã.

Aquele que proclama a Palavra de Deus na assembleia transforma a “palavra escrita” em “palavra viva” acolhida pelo ouvido e pelo coração da comunidade. Portanto, o “leitor” torna-se o anunciador da Palavra de Deus à comunidade reunida.²⁰ Ele é um cristão que se sente responsável pela palavra que proclama.

¹⁵ REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ, Suplemento *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja no Brasil*, p. 287-289.

¹⁶ *Ibid.*, p. 290.

¹⁷ Helena CORAZZA, *op. cit.*, p. 40.

¹⁸ *OLM*, *op. cit.*, n. 14.

¹⁹ Dionisio BOROBIO, vol. 1, *op. cit.*, p. 194.

²⁰ CELAM, *op. cit.*, p. 172.

4.2.4. *Espiritualidade do ministro da Palavra*

Espera-se do ministro da Palavra de Deus uma atuação espiritual, isto é, animada pela força que vem de dentro, do coração, própria de quem se sente tocado pela palavra que pronuncia. O leitor litúrgico que não transmite vibração nem convicção à assembleia dá mostras de um desempenho deficiente de seu ministério.

Por outro lado, quem proclama a Palavra de Deus deve ter consciência de que anuncia sempre uma Boa-Nova. Dessa forma, seu rosto, sua voz, sua postura e tudo nele devem expressar essa feliz novidade. Quando a Palavra é proclamada com os sentimentos que correspondem à sua mensagem (alegria, esperança, tristeza, ameaça), abre-se o caminho para a compreensão e a vivência do mistério anunciado. O que serve para o leitor vale também para o salmista, cantor, animador, comentador; enfim, serve para todos que têm função na liturgia. Nesse sentido, investir nos agentes de pastoral litúrgica e na formação das equipes de celebração nas comunidades paroquias é uma necessidade.

4.2.5. *Dignidade do Livro de onde o texto bíblico é proclamado*

A comunicação da Palavra de Deus envolve pessoas: leitores, salmistas, dirigente e comentarista.²¹ Quando proclamada, estabelece relação. Torna-se alimento. É sinal da presença de Deus.

Na Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, o Papa Bento XVI afirmou:

Quero mencionar, em primeiro lugar, a importância do Lecionário. A reforma desejada pelo Concílio Vaticano II mostrou os seus frutos, tornando mais rico o acesso à Sagrada Escritura que é oferecida abundantemente sobretudo nas liturgias do domingo. A estrutura atual apresenta com frequência os textos mais importantes da Escritura, favorece a compreensão da unidade do plano divino, através da correlação entre as leituras do Antigo e do Novo Testamento centrada em Cristo e no seu Mistério Pascal.²²

Convém que as comunidades, conforme circunstâncias específicas e dentro da variedade de gestos e ritos, valorizem e realcem o Livro da Palavra (Bíblia, Lecionário) e sua proclamação solene. O Livro, sinal da Palavra de Deus, é trazido em procissão, colocado sobre a Mesa da Palavra, aclamado antes e depois da leitura e venerado. Não é recomendável que o leitor proclame a Palavra usando o folheto.²³ Os folhetos dominicais

²¹ Helena CORAZZA, op. cit., p. 39.

²² VD, n. 57.

²³ CNBB, doc. 52, n. 70.

deveriam ser de uso restrito à preparação da equipe durante a semana. As leituras são para ser ouvidas. Uma boa preparação da equipe²⁴ colabora para com a escuta e vivência da Palavra de Deus proclamada na liturgia.

4.2.6. *Preparação da celebração*

Numa liturgia dominical coordenada por uma equipe, as leituras são preparadas com antecedência. Quem vai proclamar a leitura deverá sabê-lo de antemão.²⁵ No entanto, ainda é bastante comum ver, no início de uma celebração litúrgica, pessoas procurando leitores, comentaristas e salmista.²⁶

Proclamar a Palavra de Deus é um ato sacramental. O leitor coloca-se a serviço de Jesus Cristo, que, por meio de sua boca, de sua voz, fala pessoalmente com o seu povo reunido.²⁷

4.3. **Perspectivas para a formação litúrgica das equipes de celebração**

Interessa ver na liturgia o cume para onde tende toda a ação da Igreja e a fonte de onde promana a sua força, e tornar concreta por meio do louvor a Deus a fé abraçada no dia do Batismo.²⁸

A celebração litúrgica da Palavra expressa o verdadeiro encontro com Deus e com os irmãos. É uma festa de comunhão eclesial e de fortalecimento da Igreja em saída, a peregrinar no compromisso da vida cristã. Daí a necessidade de dar especial atenção à liturgia dominical da Palavra. O Documento de Aparecida diz:

Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros que não têm oportunidades de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”. Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (cf. 1Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5,24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20).²⁹

A perspectiva é de que na liturgia dominical da Palavra se celebre a fé com expressões culturais, obedecendo a uma sadia criatividade com adaptações adequadas,

²⁴ Helena CORAZZA, op. cit., p. 39.

²⁵ Ione BUYSTE, *O ministério de leitores e salmistas*, vol. 2, p. 11.

²⁶ Ibid., p. 14.

²⁷ Ibid., p. 15.

²⁸ SC, n. 10.

²⁹ DAp, n. 253.

particularmente ao povo simples (grupos populares); uma especial atenção e cuidado para não instrumentalizar a liturgia para fins alheios a sua natureza e evitar qualquer arbitrariedade nas celebrações litúrgicas. O Documento de Aparecida incentiva promover a “pastoral do domingo e dar a ela prioridade nos programas pastorais”.³⁰

O estudo da função catequética e evangelizadora da liturgia e a organização e formação dos agentes de pastoral litúrgica e equipes de celebração, por meio de uma autêntica teologia, os levarão a um compromisso vital com a comunidade.

Para os que exercem os diversos ministérios na celebração Palavra, abrem-se caminhos para o aprimoramento de sua função ministerial no campo da espiritualidade e mística nas celebrações litúrgicas.

Outro aspecto que está bem em evidência é a relação comunicacional daquele que fala à assembleia reunida ao redor da Palavra proclamada por meio de uma preparação especial dos leitores, cantores e salmistas.

4.3.1. Religiosidade e piedade popular

Há que observar, porém, que a liturgia não esgota toda a atividade da Igreja.³¹ Como tal, recomenda-se também avançar nestes aspectos:

- a) Os exercícios piedosos do povo cristão, conforme as normas e leis da Igreja, derivam, de certa maneira, da liturgia e a ela se conduzem. O mistério de Cristo é uno e, em sua riqueza, inclui manifestações e modos diversos de chegar aos homens. Graças à sua rica herança religiosa e em virtude da urgência das circunstâncias de tempo e lugar, as comunidades cristãs tornam-se evangelizadoras ao viverem a oração.
- b) A família cristã, evangelizada e evangelizadora, é chamada a seguir o exemplo de Cristo orante. Assim, a sua oração manifesta e sustenta a vida da Igreja doméstica, na qual se acolhe o germe do Evangelho que cresce, para tornar todos os seus membros capazes de ser apóstolos e fazerem da família um núcleo de evangelização.
- c) A piedade popular conduz ao amor de Deus e dos homens e ajuda as pessoas e os povos a tomarem consciência de sua responsabilidade na realização do próprio

³⁰ Ibid., n. 252.

³¹ SC, n. 9.

destino. A autêntica piedade popular, baseada na Palavra de Deus, encerra valores evangelizadores que ajudam a aprofundar a fé do povo.

Que os dias atuais sejam plasmados pelo encontro renovado com Cristo, Verbo do Pai feito carne, início e fim de tudo, onde todas as coisas subsistem. Faça-se silêncio para ouvir a Palavra do Senhor e meditá-la, a fim de que a mesma, por meio da ação eficaz do Espírito Santo, continue a habitar e a viver em cada pessoa e a falar a todos ao longo de todos os dias da vida. Dessa forma, a Igreja sempre renova e rejuvenesce, graças à Palavra do Senhor, que permanece eternamente (cf. 1Pd 1,25; Is 40,8).³²

³² VD, n. 124.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, algumas premissas se evidenciam: toda celebração litúrgica é ação sagrada, num sentido único, não igualada em eficácia nem grau por nenhuma ação da Igreja. Não obstante, com respeito à vivência da liturgia, muito resta a ser feito, tanto para assimilar nas celebrações a renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II, como para ajudar os fiéis a fazerem da celebração da Palavra de Deus a expressão de seu compromisso pessoal e comunitário com o Senhor.

Ainda não se alcançou a plena consciência do que significa a centralidade da liturgia, como fonte e cume da vida eclesial. Perdeu-se, para muitos, o sentido do “Dia do Senhor” e da conseqüente exigência do preceito dominical. Persiste a pouca participação da comunidade cristã e surge quem queira se apropriar da liturgia sem considerar seu verdadeiro sentido eclesial.

Está lento o processo permanente de formação litúrgico-mistagógica, segundo as instruções e documentos do Magistério, em todos os níveis. Ainda está confuso o processo de inculturação da liturgia. Isso faz com que as celebrações sejam ainda, para muitos, ritualistas, monótonas e privadas, a ponto de não haver consciência de que nela está a presença transformadora de Cristo e de seu Espírito, e a ponto de elas não se traduzirem num compromisso solidário para a transformação do mundo.

A conseqüência é evidente no contraste entre a fé e a vida de muitos católicos, incluindo, às vezes, os sacerdotes e alguns de seus agentes pastorais. A falta de formação doutrinal e de profundidade na vida de fé faz de muitos católicos presa fácil do secularismo, do hedonismo e do consumismo, que invadem a cultura moderna e, em todo caso, os incapacitam de evangelizá-la.

Percebe-se, porém, que a Igreja tem trabalhado na formação litúrgica dos fiéis. Nos seminários, a formação litúrgica tem sido mais acentuada, com professores peritos em liturgia. A comissão litúrgica da CNBB tem trabalhado muito na preparação de documentos, estudos e subsídios que ajudam na formação litúrgica dos fiéis. Os regionais, províncias e dioceses têm se esforçado e caminhado. Nada está perdido. Há muita

esperança na vivência do Mistério Pascal de Cristo, celebrado na escuta constante da Palavra de Deus proclamada na liturgia.

A proposta deste estudo foi apresentar caminhos, entre tantos outros, para uma formação litúrgico-mistagógica mais intensa dos agentes das equipes de liturgia e celebração. O caminho a ser percorrido está aberto para a continuidade da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. *A Palavra de Deus na vida do povo: orientações teológicas e sugestões práticas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1971.
- ARGÁRATE, Pablo. *A Igreja celebra Jesus Cristo: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1998.
- AUTRAN, Paulo. Comunicação na liturgia: entrevista com um homem de teatro. *Revista Família Cristã*. Suplemento Nossa História: 500 Anos de Família Cristã. São Paulo: Paulinas, n. 18, p. 286-290, nov. 2001.
- BABIN, Pierre. *A era da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BECKHÄUSER, Frei Alberto, ofm. *Comunicação litúrgica: presidência, homilia, meios eletrônicos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990. vol. 1.
- _____. *A celebração na Igreja: sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1993. vol. 2.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro Editora, 2013.
- BUCKLAND, Augustus Robert; WILLIAMS, Lukyn. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- BUYST, Ione. *A Palavra de Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2002. vol. 1.
- _____. *Homilia, partilha da Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002. vol. 3.
- _____. *O ministério de leitores e salmistas*. São Paulo: Paulinas, 2002. vol. 2.
- _____. *Presidir a celebração do Dia do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2006. vol. 6.
- _____. (org.). *Domingo: Dia do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2003. vol. 5.

CARDENAL BER, citado por MARTINS TERRA, J. E. A celebração da Palavra na celebração eucarística. *Revista de Liturgia*, n. 33, p. 10, 1979.

CARPANEDO, Penha, pddm. Celebração dominical da Palavra. *Revista de Liturgia*, Gabreúva-SP, ano 35, n. 206, p. 4-7, mar./abr. 2008.

CARTA APOSTÓLICA. *Dies Domini*, do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo. São Paulo: Paulinas, 1998.

CARTA DA CONGREGAÇÃO para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=Orienta%E7%F5es_sobre_o_uso_do_%93Nome_de_Deus%94. Acesso em: 23/05/2015 às 20h38min.

CARTAS de Santo Inácio de Antioquia. *Comunidades eclesiais em formação*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, Dirce de. *Homilia: uma questão da linguagem da comunicação oral*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edições Loyola, 2000.

CELAM. *A celebração do Mistério Pascal: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2004. (Manual de Liturgia I).

_____. *A celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia II).

_____. *A celebração do Mistério Pascal: os sacramentos – sinais do Mistério Pascal*. São Paulo: Paulus, 2005. (Manual de Liturgia III).

_____. *A celebração do Mistério Pascal: outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007. (Manual de Liturgia IV).

CNBB, doc. 43. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____, doc. 45. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil: 1991-1994*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____, doc. 52. *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____, doc. 59. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____, doc. 62. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____, doc. 87. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. São Paulo: Paulinas, 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis-RJ: 1967.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Texto oficial. Brasília: CNBB, 2008.

CORAZZA, Helena. *Comunicação e liturgia na comunidade e na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.

DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus celebrada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DÍEZ, Felicísimo Martinez, op. *Teologia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

FORTE, Bruno. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GELINEAU, Joseph. *Em vossas assembleias: teologia pastoral da missa*. São Paulo: Paulinas, 1973.

GIBIN, Maucyr. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GOMES, Pedro Gilberto (org.). *A comunicação em debate*. São Paulo: Paulinas, 1994.

INSTRUÇÃO REDEMPTIONIS SACRAMENTUM. *Sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da santíssima Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias: diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

KUNSCH, Waldemar Luiz. *O Verbo se faz Palavra: caminhos da comunicação eclesial católica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

LITURGIA DAS HORAS. *Advento-Natal*. São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 2000. vol. I.

_____. *Quaresma, tríduo pascal e Páscoa*. São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 2000. vol. II.

_____. *Tempo comum*. São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 2000. vol. III.

_____. *Tempo comum*. São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 2000. vol. IV.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O espaço da celebração: mesa, ambão e outras peças*. São Paulo: Paulinas, 2001. vol. 4.

- MAGRASSI, Mariano. *Viver a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto de fato nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.
- MARSILI, Salvatore. *Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MEDELLÍN. São Paulo: Paulinas, 1987.
- NOCENT, Adrien. *História da celebração da Eucaristia: a Eucaristia, teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Anamnesis, 3).
- ODORÍSSIO, Mauro. *Missa: mistério-celebração-organização*. São Paulo: Ave-Maria, 2003.
- OLIVEIRA, Ivo Xavier de. *Comunicando a Palavra de Deus: técnicas de comunicação e utilização de multimídia em homilia*. Uberlândia: A Partilha, 2006.
- PACHECO, Dilza, pddm. Compreender e viver a Palavra de Deus. *Revista de Liturgia*. Gabreúva-SP, ano 36, n. 211, p. 4-7, jan./fev. 2009.
- PADRES APOSTÓLICOS. *Policarpo de Esmirna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- PATRÍCIO, Zélia. *Comunicação e consciência do corpo: toques para dançar a vida*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- PUEBLA. São Paulo: Paulinas, 1982.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007.
- REIS, Celso Murilo Souza. *Caderno I, Fica conosco*. Revelação e bíblia: o significado da Palavra de Deus na Igreja. Mariana: Arquidiocese de Mariana, 2005.
- _____. *Revelação e Bíblia: o significado da Palavra de Deus na Igreja*. Mariana: Arquidiocese de Mariana, 2005. (Caderno I: Fica conosco).
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário Grego do Novo testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Bragança Paulista-SP: Universitária São Francisco, 2006.
- _____. *Instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
- SANTO DOMINGO. *IV Conferência do Episcopado Latino-Americano: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

SÃO CIPRIANO. *Unidade da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.

SCHIRATO, Sérgio José. *Santificados pela Palavra: liturgia e catequese*. São Paulo: Paulinas, 1970.

SEPAC. *Oratória: técnicas para falar em público*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Espiritualidade: consciência do corpo na comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA FILHO, Genézio Zeferino da. *Comunicação e pastoral: como melhorar a comunicação nas ações e eventos pastorais*. São Paulo: Salesiana, 2001.

SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Disponível em: <<http://www.vatican.va/roman>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009.

TAMBURRINO, Paolo. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2002.